



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS E/OU RESPECTIVAS LITERATURAS**

**LISIANE BARRETO LIMA**

**A AQUISIÇÃO DA VARIAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O *INPUT* LINGUÍSTICO:  
UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

**Bagé**

**2013**

**LISIANE BARRETO LIMA**

**A AQUISIÇÃO DA VARIAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O *INPUT* LINGUÍSTICO:  
UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Letras e  
Respectivas Literaturas da Universidade  
Federal do Pampa.

**Orientadora: Dr. Aline Lorandi**

**Bagé  
2013**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA UNIPAMPA**

**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS E/OU RESPECTIVAS LITERATURAS**

A comissão abaixo assina e aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

**A AQUISIÇÃO DA VARIAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O *INPUT* LINGUÍSTICO:  
UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Elaborada por

**LISIANE BARRETO LIMA**

Como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras e/ou Respectivas  
Literaturas

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Aline Lorandi (UNIPAMPA)**  
**Orientador**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Clara Zeni Camargo Dornelles (UNIPAMPA)**

---

**Prof. Dra. Taíse Simioni (UNIPAMPA)**

**Bagé, Maio de 2013.**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Quadro1: Critérios de inclusão e exclusão de estudos.....</b>	<b>10</b>
<b>Quadro 2: Estágios aquisição da linguagem.....</b>	<b>19</b>
<b>Quadro 3: Aspectos conceituais da aquisição da linguagem.....</b>	<b>30</b>
<b>Quadro 4: Estudos acerca da influência do <i>input</i> linguístico.....</b>	<b>37</b>
<b>Quadro 5: Tipos de variação linguística.....</b>	<b>47</b>
<b>Quadro 6: Definições de comunidade de fala.....</b>	<b>48</b>
<b>Quadro 7: Estudos acerca do tema aquisição da variação.....</b>	<b>68</b>

## RESUMO

O presente estudo de cunho bibliográfico apresenta estudos sobre linguagem e as teorias que fundamentam sua aquisição. Dentre as abordagens que explicam a aquisição da linguagem e suas interfaces, o estudo do *input* linguístico explora o processo de interação social que remete ao favorecimento da aquisição de estruturas linguísticas. Esta pesquisa utiliza como subsídios teóricos a literatura especializada, visando ao entendimento de questões acerca da variação linguística e da aquisição da variação. Para tanto, a criança aparece como foco central das pesquisas acerca do *input* e da aquisição de fenômenos variáveis. A metodologia dessa pesquisa bibliográfica abrange a sistematização dos dados provenientes de estudos transversais, longitudinais e artigos originais. Partindo disso, os resultados foram compilados e discutidos, tendo-se observado que a aquisição da variação em estudos americanos e brasileiros confere a abertura de novos caminhos sobre o período aquisicional das variáveis linguísticas e também a influência de fatores extralinguísticos, fatores sociais e a mudança linguística como parte integrante do período de aquisição de variáveis presentes na língua.

### **Palavras chave:**

Linguagem Infantil, *Input* Linguístico, Aquisição da Variação.

## **ABSTRACT**

The present work is a bibliographic study that presents not only researches on language, but also theories of language acquisition. Among the approaches that explain language acquisition and its interfaces, the research of linguistic input explores the process of social interaction that stimulates the acquisition of linguistic structures. Our research is based on specialized literature, aiming at the comprehension of questions about linguistic variation and variation acquisition. For that, children are at the core of researches on input and of researches on the acquisition of the variation phenomena. The methodology of our bibliographic research encompasses the systematization of data from transversal studies, longitudinal studies and original essays. The results from the data were then compiled and debated, taking into account that variation acquisition in American and Brazilian studies open new ways to the acquisition phase of linguistic variation and also to the influence of extralinguistic factors, social factors and linguistic change as part of the acquisition phase of the variables present in a given language.

**Key-words:**

Child Language, Linguistic Input, Variation Acquisition.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE ESTUDOS.....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 ESTRATÉGIAS DE BUSCA.....</b>	<b>11</b>
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 Linguagem humana.....</b>	<b>12</b>
<b>3.2. Aquisição da linguagem.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2.1 Estágios da aquisição da linguagem.....</b>	<b>16</b>
<b>3.3 Teorias da aquisição da linguagem.....</b>	<b>21</b>
<b>3.3.1 Abordagem comportamentalista.....</b>	<b>22</b>
<b>3.3.2 Teoria gerativa.....</b>	<b>24</b>
<b>3.3.3 Abordagem interacionista.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3.4 Construtivismo - Jean Piaget.....</b>	<b>27</b>
<b>3.3.5 Conexionismo.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3.6 Teoria da Otimidade.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3.7 Neurociência.....</b>	<b>29</b>
<b>3.4 <i>Input</i> Linguístico.....</b>	<b>31</b>
<b>3.4.1 Fala materna dirigida à criança :<i>motherese/manhês</i>.....</b>	<b>34</b>
<b>3.5 Variação linguística.....</b>	<b>44</b>
<b>3.5.1 Comunidade de fala.....</b>	<b>48</b>
<b>3.5.2 Variáveis e variantes.....</b>	<b>51</b>
<b>3.5.3 Fatores extralinguísticos e linguísticos.....</b>	<b>52</b>
<b>3.5.4 Metodologia do estudo sociolinguístico.....</b>	<b>55</b>
<b>3.6 AQUISIÇÃO DA VARIAÇÃO.....</b>	<b>58</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>76</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>86</b>

## INTRODUÇÃO

A linguagem humana, assim como a sociedade, sofre mudanças e variações em diversos níveis, tais aspectos associam-se à presença de padrões linguísticos diversificados que, em conjunto, caracterizam os diferentes dialetos encontrados na sociedade. Conforme Haugen (2001, p. 99), o dialeto “é qualquer uma das normas aparentadas compreendidas sob o nome geral de língua”, ou ainda segundo Bagno (2007), “... termo usado para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província, entre outros”.

A diversidade verificada nas regiões/países tanto em nível linguístico como social, abre lacunas acerca dos fatores responsáveis pela aquisição de determinadas regras variáveis, a forma como determinado dialeto apresenta-se na fala adulta provoca inúmeras especulações sobre o caráter heterogêneo da linguagem humana e como a mesma apresenta-se em constante mudança.

Nos últimos anos, os estudos que envolvem variação linguística voltaram-se para a fala infantil, ou seja, os padrões linguísticos de variação anteriormente estudados na população adulta passaram a ser estudados no período aquisicional da língua materna. O tema desta pesquisa de cunho bibliográfico centra-se na questão da aquisição da linguagem e variação linguística, sendo que, para delimitar o foco de estudo, utilizou-se a aquisição da variação e influência do *input* linguístico no processo aquisicional da língua materna.

A aquisição da variação abre diversas alternativas para o estudo mais aprofundado das questões que envolvem a linguagem no seu contexto linguístico e social.

Os subsídios para a pesquisa estão embasados no processo de aquisição da variação e são fundamentados no seguinte questionamento: “Em que medida o input linguístico influencia na aquisição de regras variáveis?”, a tentativa de estabelecimento da ordem de aquisição das formas ditas categóricas e das regras ditas variáveis desenvolve-se a partir de teorias fundamentadas na aquisição da linguagem e variação linguística.

Neste contexto, inúmeras hipóteses surgem e trazem subsídios ancorados na fala do adulto que, caracterizada por variedades regionais, pode causar interferência sobre a fala da



criança, caracterizando, assim, a construção de hipóteses sobre a língua (criança) devido à exposição ao *input* linguístico externo (fala da mãe, fala do cuidador). Sob esse viés, a aquisição da linguagem poderia ser influenciada por fatores dialetais, e a variação poderia fazer parte do processo de desenvolvimento da linguagem da criança.

Esta pesquisa de cunho bibliográfico justifica-se pelo fato de que a aquisição da linguagem envolve vários aspectos, inúmeros trabalhos demonstram a importância do conhecimento da área enfocando a criança como principal informante nos processos de desenvolvimento da linguagem.

Décadas atrás surgiram teorias que buscavam explicar como ocorre de fato o processo de aquisição da linguagem, porém ainda não existem tantos trabalhos, especialmente no Brasil, que enfoquem a questão da aquisição da variação, ou seja, os estudos em sua maioria focam apenas a variação linguística da população adulta.

Nesse contexto, trabalhos de revisão que enfoquem o tema da aquisição da variação tornam-se importantes, pois buscam demonstrar de forma sistemática os dados provenientes de várias correntes teóricas que visam a explicar como a criança adquire determinada regra variável.

O objetivo desta pesquisa enfoca a demonstração dos principais aspectos encontrados nos estudos acerca da aquisição da variação e importância do *input* linguístico no desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, sobre a variação linguística, na fala da criança. Além disso, busca-se a) demonstrar o processo de desenvolvimento da aquisição da variação, provenientes de estudos sobre o tema; b) sistematizar os dados relevantes sobre aquisição da variação e c) identificar, mediante uma revisão bibliográfica, a influência do *input* linguístico na aquisição da variação.

As pesquisas que envolvem revisão bibliográfica acerca de diversos estudos devem seguir uma linha de estudo que justifique sua ocorrência e enfoquem em uma linha teórica capaz de estabelecer uma ordem dos temas que serão abordados em concomitância com a discussão dos dados elencados no estudo. Para tanto, a escolha do tema aquisição da linguagem e variação linguística envolve contextualizar a abordagem da linguagem humana e suas especificidades aquisicionais em associação com o *input* linguístico proveniente do meio que a criança está inserida.

Posteriormente a abordagem desses aspectos, a variação linguística aparece como o “termo de fechamento” das questões relativas à linguagem humana e suas especificidades, sob essa perspectiva adentra-se em um campo complexo e variado que englobam os estudos provenientes da aquisição da variação.

Como citado anteriormente, a aquisição da variação como um campo complexo e variado, merece uma abordagem mais específica dos resultados dos estudos desta corrente teórica que se encontra ainda como uma área emergente no campo da sociolinguística variacionista.

## 2 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em que foram analisados diferentes estudos publicados no idioma original (língua inglesa e língua portuguesa), os quais contemplaram o tema aquisição da variação e influência do *input* linguístico no processo da aquisição da linguagem. Com isso, buscou-se elucidar as teorias e o processo de aquisição da língua materna em concomitância com a abordagem da variação linguística e aquisição da variação como forma de aprimorar os conhecimentos acerca da variabilidade da língua.

### 2.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS ESTUDOS

Foram incluídos estudos que contextualizaram a aquisição da variação e a análise da influência do *input* linguístico (*motherese/ manhês*). Tais estudos longitudinais ou transversais englobaram a criança como foco de estudo, visando a estabelecer uma pesquisa fundamentada nos parâmetros que envolvem linguagem e sociedade. Estudos com intervenções ou delineamentos pouco claros não fizeram parte da pesquisa.

<b>Critérios de inclusão e exclusão</b>
<b>Critérios de inclusão</b>
Delineamento: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudos transversais</li> <li>• Estudos longitudinais</li> <li>• Estudos de revisão bibliográfica sobre os temas abordados neste trabalho</li> </ul>
Crianças: ambos os sexos.
Idioma: original
<b>Critérios de exclusão</b>
Delineamento: estudos pouco claros
Intervenção: intervenções pouco claras, mal descritas
Forma de publicação: somente resumo

**Quadro 1: Critérios de inclusão e exclusão de estudos**

## 2.2 ESTRATÉGIAS DE BUSCA

Os estudos foram selecionados em bases de dados de bibliotecas especializadas e bancos de periódicos indexados, como Scielo, Google Acadêmico e periódicos previamente selecionados, assim como bancos de teses e dissertações. Os subsídios que serão utilizados para a pesquisa incluem as palavras chave/descriptores: *acquisition of variation, acquisition of language, language, linguistic variation*, na língua inglesa e na língua portuguesa.

O foco da pesquisa bibliográfica foi delineado primeiramente para a contextualização mais ampla da linguagem e suas etapas de desenvolvimento, teorias acerca da aquisição da linguagem, influência do *input* linguístico, aspectos sobre a variação linguística e, posteriormente, a pesquisa foi conduzida de forma detalhada para a aquisição da variação e sistematização dos dados provenientes dos estudos sobre a aquisição da variação.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 LINGUAGEM HUMANA

A linguagem humana como forma de interação social propicia inúmeros desafios aos estudiosos das mais diversas áreas, pois está situada como uma ampla fonte de conhecimento. O conhecimento adquirido pelos indivíduos, proveniente da interação sócio comunicativa decorrente do contato com outros falantes da língua materna, viabiliza a articulação de teorias, pesquisas, estudos científicos acerca da concepção da linguagem como um fator social.

Smith e Kirby (2008) mencionam a linguagem como um complexo sistema de comunicação, o qual pode ser explicado por meio da evolução da capacidade humana tanto em nível biológico como cultural, proporcionando diversos questionamentos acerca de sua aquisição e conseqüente propagação em uma comunidade de fala, sendo assim, ambas, apresentam uma condição de associação, ou seja, o processo aquisicional da língua materna pode ser representado como a condição humana de evolução biológica, e a propagação resulta do progresso cultural existente na população em geral.

Conforme França et al. (2004), a linguagem pode ser vista como um exemplo de função superior cerebral, cujo desenvolvimento baseia-se em sua estrutura anatomofuncional determinada geneticamente e por estímulos verbais concedidos pelo meio. Dessa forma, pode-se considerar o desenvolvimento da linguagem humana como um processo contínuo evolutivo caracterizado por estruturas especializadas e dotadas de capacidades ativas de desenvolvimento.

Ainda de acordo com França et al. (2004), no momento em que se adquirem novas palavras ocorre um impacto no desenvolvimento infantil, ou seja, o desenvolvimento da linguagem humana perpassa por reações percepto-motoras e pela cognição. Sendo assim, a linguagem humana apresenta características que ampliam seu *status* interacional, de forma que estão envolvidas tanto estruturas anatômicas e funcionais, como cognitivas.

A cognição apresenta-se como um fator importante nas questões que envolvem desenvolvimento humano e linguagem, visto que o estímulo proveniente do meio que o indivíduo está inserido atua de forma a complementar o seu desenvolvimento. Conforme Morato e Koch (2003), compreender os dados relativos à cognição humana e às suas contribuições parece refletir no envolvimento da linguagem e o processo interacional estabelecido entre meio e indivíduo. Ainda visualizada como um campo estreitamente sinuoso e conflituoso, a cognição e a linguagem foram estudadas por vários estudiosos, como,

Vigostky, Luria, Piaget, Bakhtin, sendo que tais estudiosos parecem estabelecer que: “não há possibilidades integrais de pensamentos ou conteúdos cognitivos fora da linguagem nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos” Morato (1996 apud MORATO E KOCH, 2003, p.87).

A linguagem infantil do ponto de vista teórico e prático pode ser visualizada como uma forma de exteriorizar suas impressões e visões de mundo, e é através da linguagem que a criança participa do meio que está inserida. Desse modo, estabelecer um consenso sobre o que de fato mostra a linguagem infantil em termos linguísticos implica contextualizar primeiramente suas produções iniciais em consonância com o *input* linguístico.

Hubner e Ardenghi (2010) afirmam a importância das relações sociais e o desenvolvimento da linguagem, em decorrência dos estímulos provenientes do meio, de forma que quanto mais precoce é o seu envolvimento em situações comunicativas e interacionais, maiores serão os benefícios em curto e em longo prazo em termos de situações de aprendizagem.

Os estímulos anteriormente citados podem ser visuais, auditivos, o que representa a aprendizagem da criança de uma forma progressiva, dependendo das condições e dos estímulos recebidos pela por ela. Uma das formas primárias de aprendizagem da criança ocorre por meio da linguagem, vista nesse sentido como principal forma de comunicação.

Sob essa perspectiva Hubner e Ardenghi (2010) afirmam que a criança tem acesso aos diferentes valores referentes à sua cultura através de situações comunicativas diferenciadas, o que contribuirá para a formação e desenvolvimento das estruturas pertencentes à gramática de sua língua materna.

Atualmente, pesquisas mais abrangentes, mostram o desenvolvimento da linguagem humana por meio de estudos que abrangem períodos iniciais do desenvolvimento da criança. Kuhl (2011) ressalta este aspecto, enfatizando as pesquisas neurais e comportamentais, os quais mostram que a exposição a linguagem no primeiro ano de vida causa uma influência nos circuitos neurais do cérebro antes mesmo das primeiras produções de palavras. A capacidade de comunicação, percepção e imitação observada nos primeiros meses de vida da criança, segundo Hubner e Ardenghi (2010), pode ser considerada como uma pré adaptação ao meio que está inserida, sendo que dessa forma evidencia-se seu papel ativo em relação às pessoas que estão ao seu redor.

Portanto, o estímulo proveniente do meio provoca a estimulação das estruturas responsáveis pela linguagem humana, a qual é dotada de uma complexidade extremamente importante que viabiliza a interação indivíduo e meio social.

A língua centra-se como a forma específica de atuação do indivíduo enquanto ser social, da mesma forma que o termo linguagem concebe as generalizações de uma comunidade, ou seja, representa de uma forma mais geral a identidade de um povo.

Segundo Petter (2012), as línguas naturais se manifestam por meio da linguagem, vista neste sentido como algo mais geral. Portanto, conceituar o termo “linguagem” implica estabelecer um contraponto entre língua e linguagem muitas vezes visualizadas como sinônimos. Ainda conforme Petter (2012), nas concepções de Saussure, a linguagem apresenta-se complexa e multifacetada, e pertencente ao domínio individual e social, desta forma, a língua pode ser vista como uma parte essencial da linguagem.

Abordar a linguagem humana significa adentrar em um campo complexo e diversificado, em que circulam vários aspectos norteadores do desenvolvimento humano e suas potencialidades. Sob esse enfoque, o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser inserido socialmente e atuante na sua comunidade potencializa as características da linguagem, visto que cada qual apresenta sua diversidade.

A linguagem humana do ponto de vista prático consiste em subsídios fortemente ancorados na sua heterogeneidade; sendo assim, investigar sua estrutura e “atuação” na comunidade caracteriza a visualização de suas estruturas para criar bases mais sólidas acerca de sua função.

De acordo com Souza (2003, p. 83), conhecer a linguagem significa “aprender diferentes jogos de linguagem”, ou seja, é conhecer e utilizar o léxico de determinado idioma em diferentes contextos. O indivíduo em suas peculiaridades reconhece as diferentes formas de utilização da linguagem dependendo do contexto de uso. Com isso, percebe-se que o caminho sinuoso e conflituoso já citado anteriormente acerca da linguagem deixa claro que, desde os primeiros contatos da criança com o meio até a idade adulta, perpassa por etapas definidas pelo meio que está inserida.

Com isso, Ribes e Quintana (apud SOUZA, 2003, p. 83) nos remetem à seguinte afirmação:

Linguagem como ‘uma forma de vida’ é uma noção que envolve práticas com objetos e pessoas como uma totalidade integrada, no sentido de que a linguagem está presente e articula qualquer tipo de atividade social imaginável. O ambiente humano, na forma de cultura e de relações sociais, é construído através da linguagem, e nenhuma prática comportamental humana pode ser compreendida apartada da linguagem.

A faculdade da linguagem, conforme Smith e Kirby (2008), compreende uma série de fatores que representam sua evolução, dentre eles são citadas três características específicas por Hockett (1960 apud SMITH E KIRBY, 2008, p. 3590):

- a. Semântica: "existem associações relativamente fixas entre elementos de mensagens (por exemplo, palavras) e características recorrentes ou situações do mundo que nos rodeia";
- b. Produtividade: "[a língua fornece] a capacidade de dizer coisas que nunca foram ditas ou ouvidas antes e ainda está para ser compreendido por outros falantes da língua";
- c. Transmissão cultural: "Os genes humanos carregam a capacidade de adquirir uma língua, e provavelmente também um forte impulso para tal aquisição, mas as convenções detalhadas de qualquer língua são transmitidos extrageneticamente por ensino e aprendizagem".

Conforme as condições expostas anteriormente, a linguagem humana demonstra uma série de aspectos condizentes com o nível estrutural, funcional e social da linguagem.

Almeida (2007) menciona que os estudos acerca da linguagem infantil são de interesse de profissionais das mais diversas áreas em que estão associados fatores como: aquisição da linguagem e ensino da língua portuguesa.

Como o segundo aspecto apontado pelo autor não é abarcado nos objetivos deste estudo, discorreremos apenas sobre o primeiro.

### 3.2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

O estudo da linguagem prioriza alguns aspectos fundamentais, dentre eles as etapas aquisicionais da língua, as funções comunicativas subjacentes aos enunciados produzidos pelas crianças e o desenvolvimento lexical inicial das produções (ALMEIDA, 2007).

A aquisição da linguagem abrange uma área explorada tanto em nível linguístico, como social, pois, na medida em que se estuda a linguagem em suas formas explícitas e implícitas de uso, abordam-se as noções de língua e sociedade não só do ponto de vista linguístico, mas também cultural.

Dentre as áreas que estudam a aquisição da linguagem, a psicolinguística ganha notoriedade, visto que a abordagem da linguagem não deve ser visualizada de forma independente, ou seja, a aquisição da linguagem não deve englobar apenas a estrutura fonológica, morfológica e sintática, mas sim abranger a forma como é adquirida e sua funcionalidade.

Nesse enfoque, Almeida (2007) faz uma referência aos estudos ancorados na psicolinguística, em que os mesmos não se restringem à descrição de unidades e regras de organização da língua, e sim pautam-se pela análise e interpretação das condutas e comportamentos linguísticos dos indivíduos.



Segundo Lorandi, Cruz e Scherer (2011), estudar a aquisição da linguagem significa buscar o entendimento de como um indivíduo passa de não falante a falante de uma língua.

Os estudos e pesquisas na aquisição da linguagem envolvem contextualização de teorias, abrangência da influência do meio que a criança está inserida, o que caracteriza o *input* linguístico que recebe. Dessa forma, abranger a aquisição da linguagem não significa somente estabelecer uma linha teórica que justifique a ocorrência ou não de determinado fenômeno e sua influência no desenvolvimento linguístico, mas também criar possibilidades de verificar a evolução de uma língua e conseqüentemente mudança que se estabelece ao longo das gerações.

Sendo assim, a criança desde a mais tenra idade adentra os ambientes com muitos significados que possibilitam sua inserção e atuação entre os outros falantes. A criança não produz sentenças complexas, mas, como está inserida em um contexto muito favorável, pouco a pouco, torna-se capaz de apreender os significados e criar novas possibilidades de aprendizagem.

Em relação ao aspecto funcional da linguagem, pode-se salientar que a criança, desde o período fetal, desenvolve suas capacidades cognitivas, a percepção da fala se processa anteriormente à produção dos primeiros sons, a ritmicidade da língua materna proporciona ao feto seus primeiros contatos com o meio, ou seja, o significado da língua baseia-se em melodia e ritmo. Nesse momento a comunicação entre a díade mãe e feto ocasiona os primeiros contatos com a língua materna, que, posteriormente, fará parte de sua gramática.

### **3.2.1 Estágios da Aquisição da Linguagem**

Quadros e Finger (2007) retomam a ideia de que a linguagem humana apresenta-se complexa e envolve vários níveis do sistema linguístico, o qual está constituído de unidades abstratas, estruturas e regras utilizadas pela criança. Ainda conforme os autores, vários estudos mostram que mesmo que a criança esteja em fase de aquisição de diferentes línguas, o processo ocorre de forma similar; independentemente da região, os estágios são os mesmos.

Após seu nascimento, a criança distingue alguns aspectos da língua materna e começa a processar seus primeiros sons, produzir balbucios, primeiras palavras, passando por diferentes etapas até a constituição da língua nos seus aspectos sintáticos e morfológicos.

A seguir são elencados os períodos de aquisição, em que se subdividem em pré-linguístico e linguístico.

### 3.2.1.1 Pré linguístico: balbucio

De acordo com Quadros e Finger (2007), a partir dos primeiros meses de vida o bebê produz sons que não apresentam significado consistente. Para os linguistas esses sons são denominados de balbucio e apresentam uma organização progressiva. O balbucio se inicia com vogais anteriores e consoantes guturais.

Almeida (2007) confirma esse aspecto e menciona que as primeiras etapas aquisicionais da linguagem decorrem de fatores extremamente importantes. Por volta dos dois meses de idade a utilização da linguagem gestual em associação com a linguagem expressiva (choro, barulhos, entre outros) representam o primeiro fator linguístico utilizado pela criança. Segundo o mesmo autor, os primeiros padrões combinatórios de sons aparecem aos seis meses de idade, o que caracteriza os primeiros indícios de aquisição das primeiras palavras.

Quadros e Finger (2007) expõem ainda que, por volta dos sexto mês, o padrão silábico do balbucio passa ter a estrutura de consoante e vogal (CV), com posterior aparecimento de sílabas duplicadas em consonância com a articulação de consoantes anteriores. O balbucio apresenta-se como um comportamento interno, e não como respostas a estímulos.

Conforme o exposto acima a criança, apresenta um comportamento inato em relação à produção dos primeiros sons, o que não podemos confundir com as posteriores etapas aquisicionais da língua materna que estarão em consonância com o *input* linguístico.

Scarpa (2009, p.225) menciona que: “os sons que a criança balbucia nos primeiros meses são universais”, não apresentando especificidade em relação à língua materna. Esse aspecto pode ser explicado a partir de pesquisas realizadas com crianças com deficiência auditiva (DA) e ouvintes visto que a criança com DA balbucia normalmente até determinada fase, assim como a criança ouvinte e, somente após esse período, as diferenças no desenvolvimento tendem a aparecer de forma efetiva.

Aos dez meses, o padrão do balbucio apresenta um padrão diferenciado, ou seja, ocorre uma seleção dos sons que estão expostos no ambiente linguístico, quando inicia com a utilização dos sons a que está exposta, a criança adentra a fase de produção de jargões (sons combinados, sem estrutura de palavra) que possuem o tom melódico da língua materna (QUADROS; FINGER, 2007).

Tais tentativas de produção das crianças representam um avanço não somente nas questões de desenvolvimento linguístico, mas sim uma representação ativa da criança como ser social e culturalmente estabelecido na sociedade. Importante ressaltar que mencionar a

criança como ser social e culturalmente estabelecido implica dizer que a mesma participa de forma ativa na sociedade e seu papel é essencialmente constitutivo do sistema linguístico.

### 3.2.1.2 Período linguístico

#### **i. Estágio de uma palavra**

Conforme Othero (2005), as crianças iniciam suas primeiras tentativas de produção das palavras da língua materna por volta dos 12 meses, até dominar totalmente essa técnica e, ao mesmo tempo, “arte”. Como menciona o autor, as mesmas perpassam por inúmeros avanços e recuos no decorrer do processo. Ainda segundo esse autor, as produções iniciais das crianças caracterizam-se por apresentar desvios de pronúncia que podem representar estratégias de produção de determinados sons, inclusive aspectos relativos à consciência fonológica.

Segundo Quadros e Finger (2007), as crianças normalmente produzem palavras relacionadas ao seu ambiente (mamãe, papai, bola, entre outras), palavras substantivadas. Nessa fase, a criança confere às palavras um sentido mais genérico, por exemplo, podem ocorrer processos de superextensão (auau - qualquer animal de quatro patas e com pelos), ou subextensão. Esse estágio é denominado holofrástico, pois uma única palavra pode representar uma sentença inteira, como no caso de água = “quero água, tomar banho, entre outros”.

#### **ii. Estágio de duas palavras**

A partir do segundo ano, a criança inicia a fase de combinação de duas ou mais palavras, não há um estabelecimento de quando o processo se inicia efetivamente, porém sabe-se que o mesmo varia de forma significativa de uma criança para outra. O que pode se afirmar de fato é que em algum momento entre o primeiro e o segundo ano de vida esse processo ocorre. Assim, conclui-se também que a criança observa os dados linguísticos presentes na língua materna e também começa a distinguir sentenças afirmativas, negativas e interrogativas (QUADROS; FINGER, 2007).

A literatura também denomina o período de combinação de duas palavras de fase telegráfica, pois ocorre a perda de segmentos de ligação na produção das sentenças, de acordo com Scarpa (2009). Esse dado representa o período relevante em que a criança recebe e

processa o *input* linguístico do meio; podemos, assim, dizer que a mesma inicia a análise dos segmentos pertencentes à gramática de sua língua materna.

### iii. Estágio das múltiplas combinações

Este estágio compreende o período propício para o desenvolvimento de pesquisas correlacionadas ao *input* linguístico e aquisição de fenômenos variáveis, ou seja, o período que compreende as noções de desenvolvimento linguístico amplo da criança e a aquisição das categorias estruturais mais complexas da língua materna.

Como menciona Scarpa (2009), por volta dos dois a três anos a criança começa as produções mais complexas, com situações de narrativas subjacentes à influência do adulto. Aos quatro anos a criança adentra os aspectos relativos à pragmática e, conforme Lorandi, Cruz e Scherer (2011) estudos demonstram que aos cinco anos a criança já tem adquirido todas as estruturas da língua materna (KARMILOFF-SMITH, 1979, LAMPRECHT, 1990).

O Quadro 2 a seguir demonstra de que forma os estágios aquisicionais da língua podem ser explorados.

Nível	Unidade mínima	Estágio de desenvolvimento	Exemplos
Fonético	Som	Pré fala (0-1;1;6)	[dadada]; [da'da]
Fonológico	Segmento	Primeiras palavras (1;0-1;6)	[ka]= carro
Lexical	Palavra		[da]= dá
Sintático	Frase	Estágio telegráfico (1;6- 2;0)	Dá carro; Carro papai.
Morfológico	Forma	Organização e expansão de subsistemas (a partir dos 2 anos)	Fazi ;picoleres□
Discursivo	Texto	Narrativo (4 anos)	Já fazi amanhã

Fonte: Adaptado de Teixeira 1995 apud Almeida 2007.

### Quadro 2: estágios aquisicionais da língua

#### 3.2.1.3 Período crítico da aquisição da linguagem

Lennenberg (1967 apud QUADROS 2007) afirma que existe um período crítico para aquisição da linguagem, a partir do pressuposto de que a linguagem é inata. Tal período teria início por volta dos seis anos e se completaria na puberdade, se diz um período “crítico” porque seria o mais sensível à aquisição da linguagem. Conforme Lennenberg (1967 apud SCARPA 2009, p. 220-221):

Entre dois e três anos de idade, a linguagem emerge através da interação entre maturação e aprendizado (...). Entre os três anos de idade e a adolescência, a possibilidade de aquisição primária da linguagem continua a ser boa; o indivíduo parece ser mais sensível a estímulos durante este período e preservar uma certa flexibilidade inata para levar a cabo a complexa integração de subprocessos necessários à adequada elaboração da fala e da linguagem .

Segundo Quadros (2007), Lennenberg analisa o período crítico do ponto de vista biológico, com isso, o cérebro humano apresenta uma representação bilateral das funções da linguagem e nesse sentido, mediante o processo de aquisição na puberdade, apenas um hemisfério se torna mais dominante em relação às funções da linguagem, completando-se o período de aquisição. Essa compreende apenas uma das várias abordagens acerca do período crítico ou idade crítica para aquisição da linguagem, outros autores mencionam aspectos diferentes em relação a esse período, como será abordado posteriormente.

O período crítico para aquisição da linguagem está embasado no desenvolvimento neurológico e importância do *input*, enquanto o sistema neurológico está imaturo, a natureza do *input* poderá auxiliar na seu desenvolvimento, no entanto se a maturidade já foi alcançada, o sistema não poderá ser modificado por sistemas ambientais (SANTANA, 2004).

Os dados relatados acima procuram demonstrar que a aquisição da linguagem apresenta seu ápice de desenvolvimento nos primeiros anos de vida, no período em que as estruturas anatomofuncionais ainda estão em desenvolvimento, ou seja, durante o período de crescimento e maturação que têm seu pico inicialmente na infância e posteriormente na adolescência.

Ainda conforme o mesmo autor, nem sempre os argumentos e especificações acerca do período crítico são elucidados de forma clara. Alguns argumentos sustentam esta afirmação: o primeiro argumento faz referência à dificuldade de aquisição da linguagem em sujeitos privados de experiências linguísticas e interacionais. O segundo argumento está embasado na dificuldade demonstrar as diferenças nas afasias em crianças e adultos; e o

terceiro argumento faz menção às diferenças linguísticas na aquisição de L2. <sup>1</sup>O quarto e último argumento dizem respeito à dificuldade de aquisição da linguagem em crianças surdas congênicas expostas à língua de sinais no estágio da puberdade (SANTANA, 2004).

Os dados mencionados acima fazem menção a como é difícil classificar de forma sistemática e pontual como ocorre o período crítico de aquisição, mais precisamente a etapa exata em que o fenômeno acontece.

A seção a seguir apresenta as teorias da aquisição da linguagem.

### 3.3 TEORIAS AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Em meados da década de 1960, surgiram várias teorias acerca da aquisição da linguagem, tais como: estruturalista, comportamentalista, cognitivista, interacionista, entre outras, conforme Almeida (2007).

Sob o mesmo viés, Del Ré (2012) menciona que o interesse pela linguagem infantil remonta ao século XIX, quando os estudiosos elaboravam “diários” da fala espontânea da criança, esse período corresponde à fase da linguística histórica ou gramática comparada, pois nessa fase o interesse pelas línguas e suas transformações ocorre de forma progressiva.

As teorias foram embasadas em trabalhos que visavam a explicar como a criança adquire a língua materna, os primeiros registros acerca da fala da criança consistem em diários elaborados com o intuito de reunir informações sobre o que a mesma produzia em situações cotidianas, tais estudos longitudinais posteriormente foram substituídos por abordagens mais modernas com gravações em áudio ou vídeo (SCARPA, 2009).

A exploração da linguagem infantil por meio de diários e registros da fala espontânea, recorrem a estratégias formuladas com o intuito de estabelecer dados mais precisos sobre o desenvolvimento da criança e atuação do *input* linguístico nesse processo.

De acordo com Lorandi, Cruz e Scherer (2011), os registros feitos em diários não buscavam exatamente reunir informações sobre a aquisição da linguagem, mas sim sobre o desenvolvimento global da criança. Porém, sua contribuição nos estudos acerca da aquisição da linguagem é inquestionável.

Sob a ótica do desenvolvimento global da criança, percebe-se que os diários forneceram subsídios palpáveis para os estudos atuais, os quais não são focalizados somente

---

<sup>1</sup> Os estágios aquisicionais da língua materna por crianças não ouvintes perpassa pelas mesmas etapas da criança ouvinte, porém o momento de determinação do contexto de aquisição da língua materna apresenta-se diferente.

na linguagem da criança, e sim nas entrelinhas que permeiam a linguagem e suas manifestações.

A partir disso, nota-se a crescente exploração da linguagem humana por diversas áreas de estudo, caracterizando a abordagem multidisciplinar da aquisição da linguagem e consequente ampliação das metodologias de estudo, com a realização de pesquisas transversais que envolvem um grande número de crianças de diversas faixas etárias, procurando estabelecer um consenso sobre o processo de aquisição de determinada língua (INGRAM, 1989).

Lorandi, Cruz e Scherer (2011) mencionam que os estudos de diários, por serem assistemáticos e levarem em consideração poucos informantes, o que inviabilizava generalizações sobre os dados coletados, foram substituídos por estudos com amostras mais amplas em que fosse possível a apreensão de amostras consistentes para a sistematização de dados relativos ao desenvolvimento da criança.

As seções a seguir sistematizam as teorias acerca da aquisição da linguagem.

### **3.3.1 Abordagem comportamentalista – Behaviorismo**

Conforme Almeida (2007), a Teoria Behaviorista (Behaviorismo) apresenta-se como um método e uma teoria embasados na investigação comportamental que busca investigar de modo prático a conduta humana e dos animais, com ênfase na objetividade dos fatos por meio de estímulos e reações. Devido a sua tendência científicista, o Behaviorismo assume um caráter empírico.

Ainda conforme Lorandi, Cruz e Scherer (2011), segundo essa teoria somente o que é observável pode ser descrito ou estudado.

Do ponto de vista das pesquisas sobre linguagem, essa teoria apresenta-se envolta de lacunas e sinuosidades que possibilitam sua constante análise e crítica, mesmo assim sua contribuição mostra-se valiosa como ponte introdutória dos estudos da aquisição da linguagem.

Finger (2007) elenca as principais etapas do Behaviorismo até o mesmo ser reconhecido e estudado como teoria aliada nos estudos acerca da aquisição da linguagem. Partindo disso, a autora menciona que a teoria surgiu nos meios acadêmicos norte-americanos no período de 1920 a 1960 e apresenta como principal fundador Jonh Watson (1878-1958). Suas ideias centravam-se nas pesquisas de Ivan Pavlov (1849-1936) e ficaram conhecidas como “Behaviorismo metodológico”. Após esse período, surgem novas concepções que já

permeiam o aspecto da aquisição da língua materna. Com embasamento nas teorias dos cientistas citados anteriormente, o Behaviorismo assume nova “forma”.

O psicólogo americano Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) adota as ideias comportamentalistas de Watson e dedica-se ao estudo do comportamento verbal. Dessa forma, a linguagem era reduzida a um conjunto de respostas verbais condicionadas ao estímulo resposta que caracterizava o reflexo condicionado. Segundo Almeida (2007), e complementando essa afirmação, Scarpa (2009) comenta que, segundo o behaviorismo, a aprendizagem da língua materna não seria diferente da aquisição de diversas habilidades do ser humano, condicionados por comportamentos influenciados por estímulos provenientes do ambiente.

As afirmações dos estudiosos da área condizem com a expectativa de interação do indivíduo com o meio: seja por reflexo condicionado ou não, existe a caracterização da interação.

Do ponto de vista da linguagem e da interação, colocam-se em pauta outros aspectos que no período dos primeiros estudos eram condizentes com a aquisição da linguagem pela criança, pois naquele momento os subsídios para os estudos eram mais escassos e as abordagens permeavam em torno de experimentos científicos que aproximavam a racionalidade da irracionalidade. Para que o estudo ganhasse notoriedade eram necessárias as mais diversificadas formas de buscar respostas satisfatórias e condizentes com a expectativa do estudo.

Conforme Almeida (2007), a visão behaviorista da linguagem visava à aquisição da linguagem por meio de cadeias associativas, ou seja, por intermédio de sucessivos estímulos oferecidos pelo meio, assim sendo, a linguagem seria “aprendida” por imitação e reforço e entendida como uma espécie de treinamento, cujo principal mediador seria o adulto.

Com base nos pressupostos dos estudos de Skinner (1957), em que se postulava a abordagem empírica dos estudos científicos, Almeida (2007 p. 8) ressalta que

[...] a análise de dados científicos deve dar-se a partir da observação objetiva do comportamento dos organismos ao invés de tomar por base o funcionamento de sua mente, uma vez que todo e qualquer tipo de comportamento – humano e não humano – pode e deve ser descrito e explicado sem qualquer referência a eventos mentais ou processos psicológicos internos. Isso significa dizer que não há qualquer espaço na teoria científica para a introspecção e que construtos teóricos como mente, razão, consciência, idéias, conhecimento e pensamento [...].

A citação acima faz menção apenas aos dados observáveis e não postula nenhuma questão relativa às potencialidades e capacidades do ser humano. Conforme Del Ré (2012),



para a teoria Behaviorista em sua base empírica, caracterizada somente pela observação, a criança é uma “tábula rasa”.

### 3.3.2 Teoria gerativa

A teoria de base Gerativa, de Noam Chomsky, cujo enfoque principal baseia-se nas características inatas do ser humano, contrapõe-se às hipóteses mencionadas acerca da aquisição da linguagem sob o enfoque do comportamento verbal.

Segundo Quadros (2007), o gerativismo baseia-se em três concepções (ideias): adventistas (vindas de fora), fictícias (aquelas que são criadas) e as inatas (pré determinadas), estas últimas concebem as discussões preponderantes acerca da aquisição da linguagem do ponto de vista chomskyano.

A teoria proposta por Noam Chomsky caracteriza uma mudança radical nas ideias acerca do desenvolvimento da linguagem infantil, pois considera a existência de fatores predisponentes ao racionalismo e não ao empirismo. O racionalismo representa a mente como o princípio básico do processamento da linguagem humana.

De acordo com Scarpa (2009), Chomsky adota a postura inatista em relação ao processo pelo qual o ser humano adquire a linguagem, assim sendo, a linguagem, específica da espécie, faz parte de uma dotação genética e não é condicionada por comportamentos verbais. Ainda conforme Lorandi, Cruz e Scherer (2011), o ensaio publicado por Chomsky (1959), intitulado *A Review of Skinner's Verbal Behavior*, argumenta que a aquisição da linguagem não pode ser explicada simplesmente por estímulos, pois a criança produz palavras e sentenças que não constam em seu *input* linguístico.

Tal teoria possibilita a apreensão de conceitos enfocados na questão das possibilidades explicativas de como a mesma consegue pronunciar e criar sentenças das quais não detinha o devido conhecimento. Por isso, como mencionam as autoras (2011), Chomsky hipotetiza que o ser humano é dotado de uma faculdade específica, a faculdade da linguagem, a qual está situada na mente/cérebro do falante, o qual, estando exposto ao *input* linguístico externo, pode desenvolver a linguagem.

O argumento básico da teoria centra-se no fato de que em um espaço de tempo curto, a criança é exposta a uma fala precária, fragmentada, com frases truncadas e incompletas e é capaz de dominar um conjunto infinito de regras. Tal argumento é denominado de pobreza de estímulo (SCARPA 2009).

Santos (2010) menciona que, de acordo com a proposta inatista, a criança apresenta um dispositivo de aquisição da linguagem (DAL), tal dispositivo é acionado a partir do *input* proveniente do meio, ou seja, todo o indivíduo possui uma gramática universal (GU) internalizada na mente. A gramática universal contém a gramática de todas as línguas, e o *input* proveniente do meio auxilia a criança na seleção das regras favoráveis a sua língua materna.

Conforme Quadros (2007), na perspectiva da teoria gerativa existe uma preocupação em elucidar a linguagem de forma explícita e precisa. Sob esse ponto de vista, a mesma autora esclarece que o ser humano é dotado de uma capacidade criativa para, a partir de dados restritos, expressar e compreender cadeias de forma irrestrita; por isso, nessa concepção surge a capacidade gerativa da linguagem. Quadros (2007, p. 25) afirma de forma concisa que

O uso criativo da linguagem é um aspecto fundamental da essência humana e essa criatividade determina que o ser humano seja capaz de compreender e produzir uma sentença jamais ouvida anteriormente. Essa capacidade tomaria por base não somente os sistemas fonético/fonológico e lexical da língua em questão, mas, também, princípios da Gramática Universal.

Conforme observado na citação de Quadros (2007), o indivíduo utiliza de uma forma criativa os dados que recebe do *input* proveniente do meio, sendo assim a tríade linguagemmente-*input* caracteriza a essência do processamento da linguagem.

Ainda conforme Santos (2010), outra teoria de base inatista proposta por Chomsky, consiste na Teoria dos Princípios e Parâmetros (1981), que aborda a existência de princípios norteadores da linguagem universal e parâmetros que demonstram a variedade e a mudança existentes entre as línguas.

### **3.3.3 Abordagem interacionista**

Esta abordagem enfoca as questões relativas à interação do indivíduo nos aspectos relativos ao meio social e ao comportamento. De acordo com Almeida (2007), a abordagem interacionista legitima aspectos sociais, cognitivos, afetivos, biológicos e linguísticos, como parte integrante e influente do processo de desenvolvimento do indivíduo através do processo de interação.

O estudo da interação, largamente utilizado no presente estudo bibliográfico, e, como nos explica Morato (2006), utilizado em várias áreas da linguística como: sociolinguística, psicolinguística, pragmática, entre outros, não se interessam somente pelo sistema que

linguagem representa, mas também pela sua constituição e funcionamento. Desse modo, os estudos aquisicionais são um campo fértil para o estudo da linguagem e interação.

A interação remete à posição do indivíduo como ser ativo no processo de reconhecimento e utilização da língua materna. Por que reconhecimento? A resposta a essa pergunta está centrada na utilização da linguagem como forma primordial de comunicação. O princípio da abordagem interacionista está concentrado no seguinte postulado: “toda ação humana procede de interação” (MORATO, 2006, p.312).

Como afirma Morato (2006), a natureza social do homem não permite nenhum escape relativo à interação, pois as relações que se estabelecem no seio das comunidades representam uma diversidade inerente à condição humana.

As abordagens relativas à interação e à linguagem nos levam a outras denominações que levam em consideração a questão do “ser social”, ou seja, a interação citada anteriormente pode ser expandida, e o conceito de interacionismo ou sociointeracionismo surge em decorrência dos parâmetros de linguagem, sociedade e cultura.

O interacionismo distancia-se em vários graus do cognitivismo e outras abordagens. Nesse caso, a interação social e a troca comunicativa entre a criança e o seu interlocutor (no caso o adulto) são vistas como requisito básico no desenvolvimento da linguagem infantil (SCARPA, 2009).

As questões relativas ao *input* linguístico e ao desenvolvimento da linguagem de forma pontual começaram a destacar-se a partir do sociointeracionismo de Vygotsky. Segundo esse teórico, conforme explica Scarpa (2009), a partir da visão simbólica que a criança apresenta do meio, a mesma, com a ajuda da fala, começa a controlar o ambiente. Desse modo, os atos comunicativos (*input*) recebidos pela criança auxiliam na construção da linguagem.

Sob esse viés, Morato (2006) cita também os estudos de Vygotsky que enfatizam a relação entre o social e a linguagem por meio de processos de função organizadora da fala e da ação, pois, via internalização da linguagem por intermédio da cognição propriamente dita, a criança passa de interpretada para intérprete das coisas que estão ao seu redor, passa também da dependência dialogal com o adulto para a uma autonomia enunciativa e consciência monológica.

Conforme Cezario e Martelotta (2011), a proposta de Vygostki centra-se na fala e pensamento como aspectos de origem genética, ocorre uma fase pré verbal do pensamento e uma fase pré intelectual da fala, relacionada ao balbucio e ao choro. Posteriormente aos 2 anos a fala e o pensamento se unem e, segundo a proposta, a fala passa a servir ao intelecto.

Esses aspectos condizem com o que Morato (2006) enfatiza acerca da função organizadora da fala; sob essa perspectiva, os estudos interacionistas elencam que a criança interage com o adulto e dessa forma seu desenvolvimento linguístico amplia-se, e a criança passa a compreender o meio em que vive, assim como a linguagem.

A partir dessa visão a criança potencializa seu papel ativo no contexto social que está inserida e, com isso, desenvolvem-se subsídios fortemente ancorados na interação e na cognição como favorecedores do desenvolvimento linguístico infantil.

Nessa perspectiva, Dias (2010) menciona que, dentro das linhas de estudo cognitivistas, o interacionismo e o construtivismo entendem a linguagem como uma forma de representação, pois possibilita ao sujeito evocar verbalmente objetos e acontecimentos.

### **3.3.4 Construtivismo - Jean Piaget**

A construção do conhecimento pela criança, mais especificamente a linguagem, remonta às teorias construtivistas que envolvem os aspectos cognitivos. Segundo os pressupostos da teoria de Jean Piaget (1979), a criança constrói seu conhecimento por meio da relação com o meio e, por intermédio de representações simbólicas, imagens, a criança torna-se capaz de internalizar e desenvolver ações que culminam com o aprimoramento das suas capacidades intelectuais (SCARPA, 2009).

A aquisição pode ser visualizada como resultado da interação, como citado anteriormente, e nesse sentido o processo ocorre através de assimilações e acomodações, processos que são responsáveis pelo desenvolvimento da inteligência em geral, e não resultado do desencadeamento de um módulo específico para tal finalidade (SCARPA, 2009). Portanto, conforme a abordagem de Piaget, a visão da linguagem é não modularista.

Segundo Santos (2010), para Piaget a criança constrói o conhecimento com base na experiência com o mundo físico e ocorre o processo interacional, porém da criança com o meio, não necessariamente com o adulto.

Ainda segundo a autora, Piaget propõe que o desenvolvimento cognitivo perpassa por estágios como: sensório motor (0-18 meses), pré-operatório (2-7 anos), operações concretas (7-12 anos) e operações formais (11-12 em diante), sendo que os mesmos são universais e a cada etapa a criança desenvolve as capacidades para a etapa seguinte, o que poderá provocar mudanças qualitativas em seu desenvolvimento.

Conforme Dias (2010), a linguagem nasce da interiorização dos esquemas sensório-motores que são resultado das experiências ativas da criança. Santos (2010) complementa que

o período sensório-motor é caracterizado por exercícios reflexos, pelos primeiros hábitos e também pela coordenação entre visão e apreensão/busca de objetos.

Lorandi, Cruz e Scherer (2011) afirmam que o período pré-operatório apresenta-se marcado pela função simbólica e fatores representativos, e, em função disso, esse período apresenta-se como um fator importante na aquisição da linguagem.

A aquisição da linguagem perpassa por várias etapas, sendo que, a partir dos estudos de Piaget, novas abordagens são realizadas, em que a criança apreende o conhecimento por intermédio de representações visuais e da interação com o mundo. Nesse enfoque, Dias (2010) comenta que a capacidade de simbolizar indica uma nova forma de apropriação da realidade. Além disso, a criança passa por outra etapa de desenvolvimento (operações concretas) que perpassam por acomodação e assimilação.

### **3.3.5 Conexionismo**

O conexionismo, teoria mais atual, dispõe de novas possibilidades para a explicação da aquisição da língua materna. Segundo Santos (2010), essa teoria está embasada nas relações de entrada (*input*) e saída (*output*), e nesse viés o conexionismo tenta analisar o que ocorre entre os dados de entrada e saída.

Ainda segundo a mesma autora, uma das propostas da teoria seria a interação entre o organismo e o ambiente, assumindo dessa forma a existência de um algoritmo de aprendizagem.

Segundo Lorandi, Cruz e Scherer (2011), o conexionismo entende a aquisição da linguagem como um processo em que ocorre a formação de redes sinápticas que podem ser reforçadas conforme o uso das estruturas linguísticas.

### **3.3.6 Teoria da Otimidade**

Por outro enfoque, considerando a variabilidade da língua e sua constante mudança, a Teoria da Otimidade traz considerações a respeito do estabelecimento de propriedades universais da linguagem e uma caracterização dos limites possíveis de variação linguística entre as línguas naturais (PRINCE; SMOLESKI, 1993; MCCARTHY; PRINCE, 1993 apud ALVES, 2004), o que permite a ampliação do conhecimento de diversos conceitos sobre os mecanismos envolvidos no processamento da linguagem.

Conforme Lorandi, Cruz e Scherer (2011), a Teoria da Otimidade busca explicar a gramática das línguas naturais por meio de ranqueamento de restrições universais, sendo que uma de suas vertentes, está embasada na teoria gerativa. Aliada ao conexionismo, pode-se dizer que a Teoria da Otimidade mostra uma abordagem mais atual da gramática universal, a qual contém restrições que são violáveis.

A superfície que compõe a língua está composta de regras/restrições que, segundo a Teoria da Otimidade, é considerada ótima se a mesma apresentar poucas violações, ou seja, a teoria apresenta várias noções que, bem definidas, podem eleger um candidato ótimo em superfície da língua (ALVES, 2004).

Essa teoria apresenta-se como uma alternativa mais viável para os estudos acerca da linguagem e variação, pois fornece subsídios para esclarecer as diferenças existentes entre as várias línguas do mundo e sua complexidade.

Quando se menciona a superfície da língua, primeiramente retomamos as ideias de estrutura e funcionamento da mesma, pois, como a própria teoria aborda, faz-se necessário respeitar alguns padrões para que a língua se torne um mecanismo eficaz de comunicação, ou seja, violar o menos possível às regras de “conduta” e “bom funcionamento” da língua.

Essa teoria, estando embasada na GU (gramática universal), não contém princípios universais, mas sim restrições que podem favorecer o reconhecimento das especificidades da língua em uso.

Alguns estudos mais recentes acerca da aquisição da linguagem desde o período fetal buscam compreender quais fatores são fundamentais para que a criança adquira a sua língua materna.

### **3.3.7 Neurociência**

Kuhl (2011) menciona em suas pesquisas que atualmente a neurociência tem apresentado caminhos diferentes em relação à aquisição da linguagem e o desenvolvimento da fala. Pesquisas neurais e comportamentais demonstram que o contato com a linguagem no primeiro ano de vida pode influenciar circuitos cerebrais antes mesmo de o bebê pronunciar suas primeiras palavras.

A autora ainda menciona que estudos da neurociência aliados ao conhecimento de um maior número de dados sobre o desenvolvimento da criança, suas predisposições inatas e capacidades cognitivas cada vez mais acentuadas, permitem analisar sistematicamente as singularidades das habilidades envolvidas no processamento da linguagem humana.

Uma das abordagens da neurociência é o Neuroconstrutivismo (KARMILOFF-SMITH, 2006; MARESCHAL et al., 2007), teoria que está ancorada no construtivismo e no fato de que as estruturas cognitivas são emergentes, e não especificamente inatas. Além disso, estudiosos dessa teoria afirmam que a linguagem não se apresenta lateralizada desde o começo, mas se torna especializada e localizada com o tempo (LORANDI; CRUZ; SCHERER, 2011). Outra contribuição do Neuroconstrutivismo, segundo Lorandi, Cruz e Scherer (2011), é o fato de que os autores proponentes abordarem o desenvolvimento cognitivo humano em uma perspectiva que relaciona genética e ambiente, de modo que um influencia o outro, tornando o debate entre “nature” e “nurture” ultrapassado, ou seja, os postulados anteriores embasados nos contextos de inato e adquirido cedem espaço a abordagens mais atuais acerca do desenvolvimento da linguagem.

Tais teorias auxiliam e servem de embasamento para a contextualização e formulação de hipóteses necessárias à compreensão dos mecanismos biológicos e sociais envolvidos na linguagem humana. Portanto, considerar as evidências experimentais, avaliar as capacidades cognitivas da criança, verificar a influência do meio e o *input* linguístico que a criança recebe tentam elucidar de forma sistemática o que de fato pode ocorrer no processamento da linguagem.

O Quadro 3 sistematiza os aspectos conceituais acerca da aquisição da linguagem.

Teoria	Concepção/aspectos norteadores da aquisição da linguagem
<b>Abordagem comportamentalista</b> <b>Behaviorismo</b>	A linguagem é um comportamento aprendido, um hábito, e emerge – é construída- a partir da interação com o <i>input</i> fornecido pelo meio. É compreendida em um esquema de estímulo-resposta-reforço.
<b>Teoria gerativa</b>	Um conjunto de representações mentais, organizadas em uma Gramática Universal. O <i>input</i> serve como gatilho para a aquisição da linguagem, a qual se dá internamente à estrutura mente/cérebro do falante.  Linguagem E: <i>E Language= performance</i> ; Linguagem I: <i>I Language= competência</i>
<b>Abordagem interacionista</b>	O desenvolvimento da linguagem está intimamente ligado ao <i>input</i> linguístico que a criança recebe.
<b>Teoria construtivista</b> <b>(construtivismo- Jean Piaget)</b>	A linguagem é constituída a partir do encontro de um funcionamento orgânico do ser humano com a vida social, de forma análoga ao conhecimento.
<b>Conexionismo</b>	A aquisição da linguagem ocorre por intermédio de redes sinápticas que evoluem conforme o uso da língua, em uma relação entre <i>input</i> e <i>output</i> .

Continuação	
<b>Teoria da Otimidade</b>	A linguagem apresenta propriedades universais, restrições violáveis caracterizadas pelo <i>output</i> e <i>input</i> . Adquirir linguagem significa, portanto, chegar ao correto ranking da língua.
<b>Neurociência</b>	A aquisição da linguagem humana está ancorada no processamento cerebral, guiado pelo uso da língua, pela relação entre estrutura cerebral e frequência de input e tendo em vista a linguagem como parte do desenvolvimento cognitivo geral.

**Quadro 3: Aspectos conceituais da Aquisição da Linguagem**

Como observado no quadro, as diferentes concepções de linguagem que norteiam as diversas áreas da linguística convergem para o aprimoramento e conhecimento do ser humano e suas potencialidades. A habilidade da comunicação deriva da capacidade de interação e adaptação do indivíduo às peculiaridades do ambiente e, dessa forma o homem, dotado de várias características, desenvolve a capacidade da linguagem desde cedo, desde suas primeiras produções e suas representações no mundo.

A importância do conhecimento das diferentes concepções de linguagem reside no fato de que o indivíduo possui inúmeras habilidades e potencialidades que representam o avanço e a evolução humana.

A seção a seguir traz concepções importantes acerca da influência do *input* na aquisição da linguagem.

### 3.4 INPUT LINGUÍSTICO

Conforme os postulados da abordagem interacionista, podemos considerar dois aspectos importantes acerca do *input* linguístico e sua relação com a linguagem.

O *input* linguístico apresenta-se como um fator indissociável na determinação dos fatores responsáveis pelo aprimoramento da linguagem devido ao seu papel interacional. A correspondência desse aspecto interacional com a evolução da capacidade humana de constante adaptação aos diferentes contextos sociais e culturais colabora com o desenvolvimento de métodos e pesquisas mais abrangentes e especificadas acerca da linguagem humana.

O *input* linguístico pode apresentar-se também como um fator determinante da aquisição de formas específicas da linguagem. Mencionar os aspectos ambientais e as experiências vivenciadas pela criança significa adentrar em um campo complexo e variado e



que está em constante mudança. Tais mudanças caracterizam a estrutura diversificada e multifacetada da sociedade.

Em épocas anteriores estudar a aquisição da língua significava avaliar como a criança produzia os sons, sentenças mais complexas, sem levar em consideração os aspectos e influências do meio nesse processo. Como os estudos avançaram e as metodologias foram aprimoradas, muitos fatores foram desarticulados das teorias por apresentarem incompatibilidade, falta de justificativas adequadas para a ocorrência de determinados fenômenos, sendo assim, os estudos articulados na interação social possibilitaram respostas a muitos questionamentos e incertezas do período aquisicional da língua materna.

O estudo do *input* linguístico apresenta-se atualmente como foco de pesquisas que abrangem a interação da criança com o meio. Conforme Braz e Salomão (2002), trabalhos acerca da contribuição da fala materna para o desenvolvimento da fala infantil apresentam investigações sob a perspectiva da interação social.

Segundo Pessôa, Moura e Oliva (2008), as teorias embasadas na representação do *input* como uma forma não eficaz de desenvolvimento da linguagem (*input* malformado, truncado) decaíram frente às pesquisas embasadas no fato de como a fala era dirigida à criança. Esse aspecto amplia as características notáveis da interação social e sua relação com desenvolvimento infantil.

Ainda conforme os autores, os estudiosos realizaram diversos estudos acerca do *input* linguístico e obtiveram resultados condizentes com a presença de regularidades e padrões identificáveis na estrutura do *input* dirigido à criança.

Partindo desse pressuposto, a criança atuaria de forma ativa no meio em que está inserida não somente nos aspectos relativos ao seu desenvolvimento, mas também poderia trazer sua contribuição à aquisição e conseqüente exteriorização dos atos de fala.

Snow (1997) complementa que a natureza do *input* apresentado à criança que está em fase de aquisição torna-se crucial para a construção e a elaboração de teorias acerca da aquisição da linguagem. Com isso, a premissa de que os estudos interacionais contribuem de forma mais pontual e objetiva para a aquisição da linguagem concernem o aprimoramento das noções mais específicas sobre os dados de fala dirigidos a criança e a forma como a mesma utiliza esses dados provenientes do meio.

Os primeiros estudos acerca do *input* conferiam bases edificadas na aprendizagem associacionista, os trabalhos mais atuais utilizam outros enfoques subsidiados em outras áreas de conhecimento (PESSÔA, MOURA e OLIVA, 2008).

Neste sentido, a abordagem interacionista priorizada no estudo do *input* adota uma postura relativamente aberta a outros campos da ciência, seja na linguística, na cognição ou na psicologia, enfatizando dessa forma uma abordagem mais “completa” e “ramificada” da aquisição da língua materna.

Conforme Morato (2006), os estudos de Vigotsky sobre a linguagem estão debruçados sobre a natureza interativa que permeia o mundo social e como ressaltam Pessoa e Seidl de Moura (2011, p.439):

A linguagem do interlocutor adulto constitui o principal *input* linguístico da criança em desenvolvimento. Analisando-o é possível identificar a comunidade do falante, transmitir os modelos socioculturais e adaptar o uso da linguagem no interior do meio/da comunidade que o indivíduo faz parte.

Tais aspectos citados pelo autor podem contribuir para a ampliação da capacidade linguística infantil, enfatizando as características da linguagem provenientes da fala adulta, a qual é apresentada à criança.

Conforme Medeiros e Salomão (2011), a ideia central na perspectivada interação social centra-se no fato de que a linguagem para se desenvolver, necessita de inúmeras e constantes trocas interativas entre o indivíduo e o meio social.

O meio social oferece um modelo de utilização da linguagem, o qual se adapta aos diferentes modos de vida e as interações decorrentes do contato entre os falantes, desse modo, a ocorrência de diferenças nos contextos interativos demonstra a diversidade no modo e estilo de uso da linguagem, o que colabora para o acesso a novos ambientes enriquecidos de um *input* determinante para o enriquecimento linguístico da criança (RAMOS, 2010).

O *input* linguístico percebido pela criança desde as fases primárias de aquisição da linguagem pode propiciar o desenvolvimento de estruturas de fala que, posteriormente, farão parte de sua gramática, ou seja, o *input* linguístico percebido pela criança pode apresentar um papel importante na aquisição das primeiras palavras e conseqüente aquisição da variação de determinado dialeto de sua comunidade de fala.

Porém, a linguagem não envolve apenas os aspectos de sua aquisição e formulação de gramáticas de uma língua, mas também a existência de variáveis que podem influenciar ou fazer parte desse processo que, por vezes, pode se apresentar complexo ao nível de diversas teorias que buscam explicar como o fenômeno de aquisição de determinada língua ocorre.

Dessa forma, o *input* proveniente do meio em que a criança está inserida irá apresentar características peculiares de acordo com as possibilidades apresentadas pelo dialeto de sua comunidade linguística, ou seja, a criança estará exposta ao *input* linguístico

diferenciado de acordo com a sua comunidade de fala, o que representa a apropriação de variáveis existentes na fala do adulto, não comuns a sua gramática, conferindo assim a abertura de novas alternativas linguísticas, possibilitando a aquisição de variáveis pertencentes à fala adulta.

### 3.4.1 Fala materna dirigida à criança (*motherese/ manhês*)

Os contextos mais específicos e diferenciados de fala dirigida à criança em situações de interação específica caracterizam uma abordagem mais sucinta de alguns fatores inerentes ao desenvolvimento infantil. Ao analisar o *input*, considera-se importante verificar quais os contextos mais específicos para sua ocorrência, iniciando assim a ampliação das condições de relevância de uma ou outra especificidade apresentada na aquisição da língua materna.

A língua materna nesse caso representa a primeira forma de exteriorização de fatores que envolvem o emocional, o individual e o social, este último de grande relevância nas questões de aprimoramento de habilidades e potencialidades.

De acordo com Ramos e Salomão (2011), existem vários tipos de *inputs* estudados sob a perspectiva da interação social, sendo o *motherese* ou *manhês* os de grande relevância nas pesquisas acerca do desenvolvimento linguístico infantil.

Os estudos sistemáticos sobre a aquisição da língua materna sob o viés da interação social tiveram seu início na década de 70, em que eram salientadas as funções sociocomunicativas do *input* proveniente da fala materna, acrescentado às evidências sociointeracionais específicas da díade mãe-criança (BRAZ; SALOMÃO, 2002). Neste contexto, evidencia-se o *input* linguístico diferenciado que a mãe/adulto utiliza na comunicação estabelecida com a criança, a fala *motherese* ou *manhês*.

Pessôa e Seidl de Moura (2011) mencionam que na década de 1980 os estudos sobre o *input* ainda eram notáveis, porém o número de pesquisas era menor. Os autores citam ainda que estudiosos como Penman, Cross, Milgrom-Friedman e Meares (1983) realizaram estudos sobre questões pragmáticas e uso da língua materna, em correlação aos estudos de Bloom, Lahey, Hood, Lifter e Fiess, (1980) acerca do processo de aquisição e os aspectos sintáticos e semânticos das sentenças produzidas pela criança.

Com isso, nota-se que a exploração das questões relativas ao *input* linguístico são relativamente novas no campo da linguagem, o que nos leva a considerar que a linguagem representa uma especificidade não somente no campo linguístico, mas também cultural e social.

As pesquisas relacionadas ao *motherese*, conforme Hubner e Ardengui (2010), foram utilizadas como evidência de que o *input* linguístico específico relacionado a fala materna era importante para a aprendizagem da linguagem em concomitância com o aumento da relevância das suas capacidades inatas. O nível linguístico do *motherese* deve ser compreendido com base nas suas disposições em organizar e utilizar as informações linguísticas que recebe, pois a mesma torna-se capaz de fazer diferentes usos da linguagem (HUBNER e ARDENGHI, 2010).

Farrar (1990 apud BRAZ; SALOMÃO, 2002) menciona esse aspecto, ressaltando que um dos fatores importantes para a progressão da linguagem infantil diz respeito à fala materna dirigida à criança, a qual é constituída por um *input* linguístico facilitador e favorecedor do desenvolvimento e aprimoramento da língua materna. O *input* linguístico diferenciado característico da fala *motherese* constitui-se de uma aproximação comunicativa da díade mãe e criança, visando ao estabelecimento de condições específicas de interação.

Snow (1997), importante estudiosa dos estudos que relacionam aquisição da linguagem e a relevância do *input* linguístico, menciona que o adulto dirige-se à criança com a fala mais espontânea, sintaticamente mais simples, sem a formulação de sentenças complexas o que auxilia a criança em sua trajetória rumo à aquisição da língua materna em todos seus aspectos.

Como menciona Ramos (2010), a fala *motherese*, mesmo sendo uma forma simplificada de interação comunicativa para criança, deve conter um nível linguístico mais elevado. Dessa forma a criança poderá participar do diálogo e corresponder à expectativa de interação.

De acordo com as afirmações citadas anteriormente, a criança interage de forma ativa com o adulto e nele observa sua atuação e deste contato emergem suas produções. Com isso, de acordo com Scarpa (2009), a afirmação inicial de Chomsky sobre o *input* degradado, composto de frases truncadas e que por um longo período serviram de explicação para a aquisição da língua materna em contraponto ao empirismo, tornou-se demasiadamente questionável nos aspectos relativos a aquisição da língua materna.

De acordo com Braz e Salomão (2002), para a perspectiva da interação social, os enunciados maternos podem apresentar estilos diferenciados, ocorrendo uma variedade nas intenções comunicativas e funções nas trocas linguísticas.

A intenção comunicativa como parte integrante da interação da criança com o meio subjaz a ideia de que existem não somente práticas sociais envolvidas no processo como também as práticas linguísticas que concernem o envolvimento dos fatores sintáticos e os

semânticos. Em relação aos fatores semânticos, pode-se elucidar que as perspectivas ancoradas nas teorias de interação social.

Sob esse viés, Ramos (2010) enfatiza que o estudo da linguagem sob o ponto de vista prático, a qual é desenvolvida por meio de práticas interativas, é proposto pela Perspectiva Pragmática, que parte do princípio que a linguagem humana surge como resultado de uma intenção, ou seja, o ser humano necessita se comunicar por diversos motivos, por exemplo, para informar ou até mesmo regular condutas.

O uso da linguagem como prática e meio de socializar a criança advém do fato de que os pais passam a criança valores, crenças e orientações (RAMOS,2010).

Os enunciados maternos, conforme citado anteriormente, envolvem estilos comunicativos específicos. Segundo Vêras e Salomão (2005), o papel do *input* precisa ser analisado com ênfase nas características individuais e os aspectos sociais relacionados à mãe e à criança e, dessa forma, faz-se necessária uma análise interacional e bidirecional da relação entre a díade. Ainda segundo os autores, analisar tais características faz-se necessário devido à existência de uma variabilidade entre as crianças e as mães, visto que cada qual apresenta uma forma diferente de abordagem interacional.

Conforme Aquino e Salomão (2005), os ajustes da fala materna remetem a princípios norteadores, os autores citam os estudos de Catherine Snow em 1977, que priorizava a pesquisa dos aspectos sintáticos da fala *motherese*, ou seja, a forma como os enunciados são proferidos, a intenção e forma do diálogo como a criança conjuntamente com a linguagem gestual. Além disso, os autores citam os estudos de Fernald (1989), que remetem à entonação e ao padrão vocal da fala materna; a simplificação na forma e conteúdo da fala presentes nos estudos de Ochs e Schieffelin em 1997 e, por último, e não menos importante, a intenção comunicativa presente nas teorias de Austin 1969/1990.

Snow (1997) cita que não há um consenso entre os estudos que mencionam quais os estilos/modos de fala contribuem para o desenvolvimento linguístico infantil. Em contraponto a isso, existe um maior número de estudos que demonstram que o *motherese* pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem da criança.

O *motherese* caracteriza-se por apresentar estilos diferenciados na forma com que são direcionados à criança. Fonsêca e Salomão(2005) citam os **estilos diretivos**<sup>2</sup> presentes na

---

<sup>2</sup> Estilo de fala materna caracterizado pela intenção comunicativa entre a díade mãe e bebê, considerando as primeiras interações dialogais nos primeiros meses de vida. “Enunciados expressos de forma imperativa, que têm por função chamar a atenção, regular ou dirigir as verbalizações da criança”, conforme Fonsêca e Salomão(2005, p.80).

fala *motherese*, os mesmos apresentam a função de comando ou ordem, este estilo geralmente se faz presente em situações que o adulto necessita da atenção da criança, por solicitação.

Com isso, observa-se que a interação decorrente do processo comunicativo entre mãe e criança proporciona o desenvolvimento e aprimoramento da mesma enquanto participante ativo na sociedade.

Os estilos diretivos da fala *motherese* podem ser classificados de acordo com a intenção comunicativa da mãe, pretensão e forma de direcionar sua fala a criança, pois no período de 12 a 24 meses a criança está em uma fase de pico de desenvolvimento linguístico o que nos faz compreender o porquê do direcionamento a estudos nesta faixa etária, e também a forma de comunicação, interação e contextos específicos que a criança está exposta.

Os *feedbacks*<sup>3</sup> de reformulação ou expansão também se apresentam como um estilo linguístico. Caracterizam-se pela mudança na fala da criança, com o intuito de esclarecimento, favorecendo e estimulando sua atenção (CAMARATA 1995 apud MEDEIROS E SALOMÃO, 2012)

O Quadro 4 demonstra alguns estudos com crianças brasileiras acerca da influência do *input* no desenvolvimento linguístico da criança.

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Delineamento do estudo</b>	<b>Amostra</b>	<b>Instrumento</b>	<b>Resultado</b>
Braz e Salomão	2002	Estudo longitudinal • Análise fala materna dirigida a meninos e meninas (estilos diretivos).	16 díades (ambos os gêneros) com idade entre 24 e 30 meses.	Filmagem em ambiente natural em contexto de brincar livre. Análise dos dados: CHILDES Teste Mann-Whitney	Estilos diretivos de atenção= meninos. Estilos diretivos de solicitação= meninas.
Véras e Salomão	2005	Estudo Longitudinal • Análise interacional entre díades com crianças com desenvolvimento atípico e típico da linguagem;	12 díades (crianças com idade entre 24 a 36 meses) 2 grupos	Filmagens em contexto de brincar livre; Análise: CHILDES	Variações na fala materna. Contingência semântica de continuidade = desenvolvimento típico da linguagem Estilos mais diretivos às crianças com desenv.atípico.

<sup>3</sup> Os *feedbacks* são enunciados utilizados pelos genitores que têm a função de responder às solicitações da criança, fazer uma avaliação do comportamento infantil como certo ou errado ou dar uma confirmação da compreensão dos enunciados infantis por parte dos genitores, de acordo com Salomão e Conti-Ramsden apud Fonsêca e Salomão, 2005, p.81).

Continuação					
Souza e Affonso	2007	Estudo longitudinal • Análise os padrões comportamentais (estratégias maternas de ensino e aquisições cognitivas filiais)	3 díades (1 menina e 2 meninos)= 2 meses	Gravações em vídeo (1 vez por semana com duração de 15 min)	Alta frequência do comportamento linguístico de ensino (apontar, adaptar)
Moura, Pessôa e Oliva	2008	Estudo Longitudinal • Análise: características pragmáticas da fala materna= perspectiva multidimensional sob o viés da teoria de Jakobson.	40 díades (2 grupos= 30 dias e 5 meses)	Gravação em vídeo (bebês 30 dias= 20 min: bebês 5 meses= 60 min)	Predominância dos aspectos afetivos em detrimento dos cognitivos
Pessôa e Seidl de Moura	2011	Estudo Longitudinal • Verificação das características da fala materna (sentenças afirmativas, negativas, imperativas e interrogativas)	Quatro díades mãe-criança (13-24 meses)	Gravação em vídeo, 24 sessões diárias de 20 min cada.	Ocorrência elevada de aspectos semânticos na fala materna, relacionados ao contexto interacional e das características sintáticas afirmativas da fala materna.
Medeiros e Salomão	2012	Estudo longitudinal • Análise da interação mãe-bebê com deficiência visual; • Estilos de fala materna, comportamentos não verbais maternos e infantis • Episódios interativos	3 díades (bebês de 6 a 13 meses)	Filmagens de 20 min. (cada díade)	Interação mais proeminente por meio da coordenação da fala com a ação gestual (toque e movimentos corporais)

**Quadro 4: Estudos acerca da influência do *input* linguístico (*motherese* ou *manhês*)**

Os dados observados no quadro demonstram que os estudos de Braz e Salomão (2002) levam em consideração os tipos de estilo de fala que é dirigida a criança, os autores buscam elucidar se o gênero influi na forma de interação entre mãe e criança.

O estudo de Braz e Salomão (2002) apresentou uma amostra de 16 díades com o intuito de esclarecer se o estilo de fala dirigida a criança difere em contexto de gênero e intenção comunicativa. Esse estudo realizado em ambiente natural foi dividido em categorias de grupos de meninos e meninas.

Os estilos diretivos maternos foram avaliados com embasamento teórico acerca do *motherese* e a análise dos dados foi realizada pelo programa CHILDES, um sistema

computacional composto de três instrumentos: CHAT, CLAN e CHILDES propriamente dito. Os resultados dos estilos de fala materna utilizados por mães de meninos e meninas e dos comportamentos infantis foram comparados com embasamento em cálculos de proporções de emissões verbais e não-verbais das mães das crianças de ambos os grupos. Após os cálculos foi aplicado o teste de Mann-Whitney para verificar se existiam diferenças significativas nas proporções em relação aos dois grupos.

Por meio desse teste observou-se uma diferença significativa na fala dirigida aos meninos e nas solicitações maternas para as meninas. Quanto aos estilos diretivos, os mesmos foram classificados conforme os autores em:

- a) Instrução: diretivos em que as mães davam instrução para que a criança realizasse algo.
- b) Atenção: diretivos em que a mãe chamava a atenção da criança.
- c) Comportamento: diretivos em que a mãe impedia fisicamente o comportamento da criança.
- d) Repetição: diretivo em que a mãe pedia para que a criança repetisse algo.

Os resultados mostram que os de atenção são mais proeminentes no grupo dos meninos e os de instrução as meninas. Em relação aos tipos de solicitações maternas, houve diferenças significativas nos tipos de solicitações maternas de completar e sugerir. Em relação ao grupo de meninas e no grupo dos meninos as mais significativas foram as solicitações gerais. Segundo os autores as solicitações feitas podem ser detalhadas da seguinte forma:

- a) Pergunta dirigida à criança sobre o conhecimento de objetos, por exemplo:
- b) Requerimento de respostas sim/não;
- c) Complemento de trechos de músicas infantis;
- d) Solicitação de esclarecimento do que a criança havia falado;
- e) Sugestão de atividades a criança;

Após essa breve explanação do estudo, procedemos à demonstração de outros aspectos presentes na pesquisa, como, por exemplo, a abordagem da perspectiva da interação social e os resultados que evidenciam a existência de variações na fala dirigida a criança no que diz respeito ao gênero, se apresenta acentuada.

O estudo de Vêras e Salomão (2005) mostrou um enfoque diferente, pois envolveu uma amostra de crianças com desenvolvimento típico e atípico da linguagem. Esse enfoque da pesquisa corrobora a hipótese de aprimoramento do tratamento relativo ao desenvolvimento da linguagem, o que pode ser favorecido pelo *input* diferenciado que recebe.



A pesquisa contou com uma amostra de 12 díades com crianças de 24-36 meses, das quais 6 apresentavam desenvolvimento típico e 6 com desenvolvimento atípico.

Os dados foram coletados em contexto de brincadeira livre, com gravações em vídeo, os dados foram analisados por intermédio do programa computacional CHILDES em quatro categorias distintas: transcrição e observação das interações, elaboração das categorias comportamentais verbais e não-verbais, frequência dos comportamentos e análise quantitativa das frequências.

Os resultados obtidos mostraram que contingência semântica materna mais proeminente no estilo diretivo foi para as crianças com desenvolvimento atípico da linguagem, as verbalizações<sup>4</sup> estiveram mais presentes na fala das mães das crianças com desenvolvimento típico da linguagem.

Além disso, foi observado que esses fatores de verbalização conferem a ampliação da interação da díade. Os aspectos diretivos encontrados na fala materna dirigida às crianças com desenvolvimento atípico corroboram a hipótese de que estes estilos não favorecem o desenvolvimento da linguagem, visto que a fala diretiva está associada a um desenvolvimento mais lento da linguagem em crianças com desenvolvimento normal, conforme afirmam Vêras e Salomão.

A pesquisa desenvolvida por Souza e Affonso (2007) viabilizou a categorização de dados relativos à interação entre criança e acompanhante. Sob o suporte de pesquisas realizadas anteriormente, os autores mencionam as pesquisas de Souza (2001) acerca da investigação do efeito do pareamento de objetos em correlação com os comportamentos linguísticos de “apontar”, “nomear”, e “repetir verbalizações”, entre outros estudos.

A pesquisa de Souza e Affonso contou com uma amostra de 3 crianças (2 meninas e 1 menino) ambos com dois meses de idade no início do estudo. Foram realizadas 1 sessão por semana de gravação dos dados, cada sessão apresentava 15 min de duração.

As gravações foram analisadas em intervalos de um minuto e transcritas em folhas de registro, foram elencadas categorias comportamentais para facilitar a análise dos dados: interações protolinguísticas (interações não verbais entre criança e acompanhante), aquisições cognitivas (comportamento infantil que resulta em resposta motora), modo de episódio protolinguístico (indica o modo ativo e reativo, e as modalidades que as interações ocorrem), estratégias de ensino (apontar, adaptar, *feedbacks*, entre outros), sons.

---

<sup>4</sup> As verbalizações referem-se a linguagem oral que a mãe utiliza na interação com a criança.

Os resultados obtidos procederam de 21 sessões do participante 1 (dos 2 aos 7 meses) e 17 sessões do participante 2 e 15 sessões do participante 3 (ambos filmados 2 aos 5 meses). Em relação aos resultados, os mesmos foram elaborados por meio das categorias assinaladas anteriormente, sendo que a categoria de estratégias de ensino (apontar e adaptar) ocorreu em altas frequências nas três díades, os demais itens não apresentaram resultados significativos.

Seidl de Moura, Pessôa e Oliva (2008) realizaram um estudo longitudinal com 40 díades, o estudo foi realizado em duas etapas durante os 30 dias e os 5 meses dos bebês. Com essa pesquisa buscava-se analisar as características pragmáticas da fala materna sob uma perspectiva multidimensional. Esse estudo coloca em pauta uma nova abordagem da interação entre mãe e criança, não caracterizada pelo estilo de fala, mas sim explorando principalmente as funções do *input* linguístico por intermédio dos aspectos afetivos e cognitivos da linguagem.

Os pesquisadores dividiram as díades em 2 grupos, cada um com vinte díades (grupo 1 com bebês de 30 dias e grupo 2 com bebês de 5 meses); para tanto os autores utilizaram categorias de fala materna segundo Jakobson (1975), as quais incluem: função emotiva, função referencial, função conativa, função fática. Tais funções podem ser exemplificadas da seguinte forma:

- a. Função emotiva: atribuição de significados, preferências, estados emocionais, adjetivações e elogios, ex.: “Neném qué suco?”, “Você gosta dessa água?”, “É o lindo da mamãe”.
- b. Função referencial: descrições de ações, por ex.: “ É mamãe que está dando banho em você”, “ O perfuminho pra ficar cheirosinho”.
- c. Função conativa: imperativos, solicitação de resposta, ex.: “ Vamos lavar a cabecinha neném?”, “Levanta a perninha”.
- d. Função fática: tratamentos, contrações interrogativas e monossilábicas, ex.: “Prontinho!”, “ Que legal!”.

Além disso, utilizaram também como referencial os aspectos afetivos e cognitivos da fala materna e contextos de interação, como cuidado, alimentação e outros.

Os dados foram coletados da seguinte forma: grupo 1, com filmagens de 20 min, uma única vez na semana; e os bebês do grupo 2 foram filmados durante 1 hora, uma vez na semana. Os resultados desse estudo demonstraram que a função fática foi predominante nos dois grupos, sendo mais proeminente nos bebês de 30 dias. Os aspectos afetivos também

apresentam uma ocorrência maior em ambos os grupos. Em relação aos contextos de interação, houve predominância nas emissões maternas relativas ao cuidado.

Esses resultados revelam que as mães entendem que a criança, mesmo nas fases mais iniciais, está apta a compreender a linguagem e estimulam sua interação, e também a mãe busca ajustar sua fala conforme a necessidade da criança.

Pessôa e Seidl de Moura (2011) realizaram um estudo longitudinal, no qual buscavam-se verificar as características da fala materna dirigida a criança (sentenças afirmativas, negativas, imperativa e interrogativa) em cenários comunicativos específicos. O estudo obteve a amostra de quatro díades, as quais foram filmadas ao longo de doze meses, caracterizando a abordagem longitudinal do estudo. O mesmo incluía o período de 13-24 meses, considerado adequado, pois aos 12 meses a criança produz suas primeiras palavras e, aos 24 meses, as primeiras sentenças.

O procedimento de coleta de dados ocorreu quinzenalmente do 13º ao 24º mês de vida, totalizando 24 sessões diárias, com duração 20min. cada, em contexto de brincadeira livre (brinquedos padronizados).

Os dados foram categorizados e analisados conforme os aspectos sintáticos, semânticos e cenários comunicativos específicos. Pessôa e Seidl de Moura mencionam alguns estudos para complementar sua pesquisa e proporcionar uma maior disponibilidade de dados para comparação, para tanto os estudos de Camainoni e Longobardi, realizado em 2001, foi citado por apresentar características peculiares, como por exemplo, a análise da fala materna de mães italianas dirigidas a crianças de 4 a 8 meses, em contextos específicos de brincadeira livre e alimentação, em que os dados obtidos mostraram que as mães apresentavam mais verbos do que substantivos nos contextos interacionais Segundo esses dados, isso se deve a uma possível relação direta dos aspectos morfológicos da língua italiana, assim como o posicionamento das sentenças e estruturas da língua.

Com relação ao estudo de Pessôa e Seidl de Moura, em relação aos aspectos sintáticos, os resultados mostraram que as sentenças afirmativas (como por exemplo: “o neném está dormindo”) para a díade 1 totalizam 55,46% do *corpus* total do estudo, a díade 2 totaliza 57,94%, a díade 3 apresentou resultados significativos de 55,71 % e a díade 4 apresentou resultados de 50,97%. Em relação aos aspectos semânticos que compreendem a fala relacionada ao contexto interacional, os dados mostraram que aproximadamente 80 a 90% das díades apresenta uma referência da fala materna no contexto, o que pode viabilizar a interação entre a díade.

Com esses dados observa-se que as mães tendem a ajustar sua fala de modo a promover a interação e a obter o máximo possível de respostas positivas acerca do contexto interacional. As mães buscam a interação com a criança que responde positivamente.

Para finalizar os estudos apontados acerca da interação social, faz-se uma breve explanação do estudo de Medeiros e Salomão (2012) que trata da interação entre mãe e bebê com deficiência visual, um fator importante, pois a díade durante a interação utiliza de outros estímulos não-visuais, como os táteis e auditivos.

Importante ressaltar que os autores mencionam estudos relevantes com crianças com deficiência visual, como o estudo de Pérez-Pereira e Conti-Ramsden (2001), que analisava o desempenho pragmático da linguagem, afirmando que as mães de crianças com deficiência visual tendem a descrever mais o ambiente.

A amostra continha 3 díades, as quais foram filmadas durante um período de 20 minutos, totalizando 13 sessões em contexto de brincadeira livre. Os dados foram analisados por intermédio do programa CHILDES e seus componentes.

A participação da mãe na interação foi analisada pelo fator de comunicação verbal e não-verbal. Os bebês apresentaram o comportamento não-verbal. Como em alguns estudos citados anteriormente, nessa pesquisa foram utilizados como categorias de análise os estilos diretivos, *feedbacks* e comentários (comentários da mãe feitos ao bebê diretamente, ou comentários mais gerais). Além dessas categorias, outras foram selecionadas, conforme o previsto para a análise: contato físico, gestos, observação (mãe observa o bebê), demonstração de afeto, atividades de cuidado. E, por parte do bebê, respostas à solicitação da mãe, demonstração de afeto/desagrado, vocalizações, gestos e movimentos.

Em relação aos contextos interativos foram elencadas duas categorias: Episódios interativos contínuos indicativos de atenção conjunta e episódios interativos descontínuos que não indicam atenção conjunta.

Os resultados demonstrados pelos autores foram elencados de forma individual, portanto somente os aspectos de relevância serão explanados. Primeiramente verifica-se na díade 1 (bebê de onze meses), a mãe utilizando mais estilos diretivos e *feedbacks* positivos. O bebê utiliza o comportamento não-verbal com demonstração de desagrado em contextos específicos, como nas situações de cuidado.

A díade 2 (bebê com doze meses) obteve os seguintes resultados: predomínio de requisições, estilos diretivos e *feedbacks*. Já a díade 3 (bebê com 6 meses), como mencionam os autores, apenas observou o bebê, na maior parte das filmagens, que se caracterizou por

vários momentos de descontinuidade na cena interativa e a presença de alguns diretivos e requisições.

Essa pesquisa demonstra que a díade necessita estar em constante interação, seja por gestos, fala, sons, para que a criança participe de forma ativa do contexto linguístico, não havendo a possibilidade da exploração de aspectos visuais, o toque, os movimentos se apresentam como facilitadores da interação.

Os estilos diretivos maternos foram bastante utilizados pelas mães durante a interação, assim como os *feedbacks* de aprovação/desaprovação; e, por parte do bebê, a comunicação não-verbal como o movimento corporal foram os fatores de relevância encontrados no estudo.

A fala *motherese* apresenta características peculiares sob o viés da interação social, o *input* específico dirigido à criança facilita a compreensão do contexto social do qual participa.

A seção a seguir trata da variação linguística, uma área de estudo importante embasada no contexto linguístico e social do falante.

### 3.5 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os traços linguísticos diferenciados presentes no Brasil remetem à história cultural do povo brasileiro e ao período pré colonial e colonial resultantes da interferência das línguas indígenas e africanas tanto no vocabulário como também na parte estrutural da língua (fonética e sintaxe) (ILARI e BASSO, 2009).

Com isso, observa-se que o mosaico linguístico presente no Brasil e também em outras regiões estruturou-se conforme a presença de vários povos de culturas diferenciadas. A partir da diversidade visualizada entre os povos e nas camadas sociais ocorre a constatação de que a cultura, os costumes ou a identidade de um povo pode sofrer alterações, a partir da incorporação, compartilhamento de novos hábitos e costumes.

Pode-se dizer que o mesmo ocorre com o sistema linguístico, que sofre alterações, incorporam-se novas palavras, por interferência de fatores internos ou externos que conferem a gramática de uma língua suas especificidades em consonância com a atuação e participação do falante no sistema linguístico.

Ilari e Basso (2009) mencionam também que do ponto de vista histórico, o léxico do português brasileiro resulta de um longo processo, nas quais as palavras mais antigas tendem

a se perder ou sobrevivem a partir de suas novas funções e valores, ao mesmo tempo em que novas palavras são criadas.

Partindo-se deste ponto de vista, criam-se novas alternativas de tratar e estudar a língua, ou mais precisamente a linguagem humana, assim como o processo envolvido nas suas transformações e mudanças em diferentes comunidades.

A variação linguística propriamente dita representa a diversidade linguística presente na sociedade, sendo que várias concepções norteiam o aspecto social da linguagem e fazem parte do caráter plurilinguístico amplamente visualizado e apresentam-se como foco de diversos estudos centrados na relação entre língua e sociedade. O estabelecimento dessa relação prioriza o estudo das características linguísticas presentes nas diferentes comunidades, o que demonstra a heterogeneidade da língua.

Um dos estudos pioneiros estudo da variação linguística centra-se na Sociolinguística Variacionista ou quantitativa, a partir dos primeiros estudos de Willian Labov, os quais relacionam língua e sociedade, além de proporcionar a sistematização da variação presente na língua falada (TARALLO, 2007; COAN; FREITAG, 2010). À pesquisa sociolinguística concerne o desenvolvimento de estudos centrados em parâmetros linguísticos diferenciados e que comportam não somente a variedade presente na fala, como também a representação do aspecto sociointeracional da língua. Sob este viés, Oushiro (2011) complementa o conceito de variação, cita que na concepção da sociolinguística variacionista, a variabilidade neste sentido não é reconhecida apenas entre a gramática de diferentes línguas, mas está presente na gramática de uma mesma comunidade e conseqüentemente na fala individual como parte integrante do sistema linguístico.

Como mencionam Coan e Freitag (2010, p. 176):

A Sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*).

A proposta de estudo da estrutura da língua(*langue*) e sua evolução apresentam o modelo mais recente acerca do tratamento das estruturas primárias e secundárias da linguagem humana de forma associada a seu uso nos contextos comunicativos a que o falante está exposto e sua participação na comunidade.

Conforme Guy e Zilles (2007), o modelo quantitativo busca explicar as possibilidades linguísticas e os padrões quantitativos do uso das mesmas através de análises estatísticas. Sob essa perspectiva, de acordo com Alencar (2006), a contribuição mais

influyente desta vertente centra-se na proposição de métodos de análises controladas os quais permitem captar a mudança e o progresso da língua.

A mudança e o progresso da língua residem no fato de que seu caráter mutável constrói e reconstrói subsídios para o entendimento do *status* linguístico que permeia determinada comunidade.

Ainda neste enfoque, Alencar (2006) cita que os estudos variacionistas iniciaram-se por volta da década de 60, a partir de estudos correlacionados às variações fonéticas e fonológicas, sendo que posteriormente foi dada ênfase ao fenômeno de variação sintática, morfológica e discursiva.

A evolução dos estudos acerca da variação linguística demonstra que os sociolinguistas analisam a língua em suas partes mais específicas e sua relação com a sociedade, o processo interativo que se estabelece entre diferentes indivíduos que compartilham trocas linguísticas comuns e carregadas de fenômenos de variação potencializam o progresso conjunto da língua e da comunidade.

Conforme Foulkes e Docherty (2006), a variabilidade de uma língua apresenta-se como uma das características mais precisas do discurso humano, estando determinada por regras e padrões linguísticos. Além disso, os autores ressaltam que as pesquisas mais abrangentes no campo da fonética e da fonologia preocupam-se em identificar tais padrões linguísticos, buscando facilitar a compreensão mais sistemática dos processos de variação na fala, além de identificar os mecanismos do funcionamento de sua produção e/ou percepção.

Nessa perspectiva, os estudos que correlacionam a variação linguística e o discurso humano ampliam as possibilidades de se desenvolverem teorias mais abrangentes acerca do processamento e progresso da linguagem humana como forma de interação social.

A variedade explicitada na linguagem humana não representa um estado caótico da língua, em suas potencialidades a linguagem representa o estado natural da evolução humana em diversos níveis, desde o biológico funcional ao intelectual, o que pode definir e identificar características do ser humano, como por exemplo, o desenvolvimento perceptivo da linguagem ainda no período fetal.

O progresso da língua verifica-se ao longo do tempo, em que a mesma está em constante mudança, o que representa o seu dinamismo. De acordo com Naro (2012), as mudanças linguísticas ocorrem em longo prazo, de forma lenta e gradual e em várias dimensões, por exemplo, nos eixos sociais, os falantes mais velhos tendem a conservar as formas mais antigas de fala, ou ainda elevando tais características para o nível de

escolarização, os grupos sociais mais prestigiados preservam o contexto mais formal de fala nas situações comunicativas.

A variação linguística, conforme citado anteriormente, envolve aspectos de língua e sociedade, ambas influenciando uma a outra; neste enfoque concentra-se a língua como sistema heterogêneo e diversificado, à heterogeneidade concerne fatores que são mutáveis, e a diversidade implica as variáveis existentes dentro de uma mesma língua (TARALLO, 2007). Ainda, segundo Gumperz (1968 apud MARGOTTI, 2003), a sociolinguística variacionista está orientada por concepções de língua como sistema heterogêneo, e as variações estruturais desta língua dependem das alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade de fala. Segundo Illari e Basso (2009), no Brasil e em vários locais encontramos diversos tipos de variações que caracterizam o “falar” das diferentes regiões.

O quadro abaixo contextualiza os diferentes tipos de variação conforme os conceitos estabelecidos por Illari e Basso (2009) e Bagno (2007):

<b>Classificação da variação</b>	<b>Conceito</b>	<b>Exemplos</b>
Variação diacrônica	Variação que ocorre através do tempo, as mudanças perpassam por gerações.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estar de bonde → estar com a namorada.</li> <li>• Dar uma de sonso → bancar o sonso.</li> </ul>
Variação diatópica	Variação associada a uma língua que apresenta diferenças na dimensão do espaço. Diferenças nos “modos de falar” de lugares diferentes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• reformado → aposentado</li> <li>• comboio → trem</li> </ul>
Variação diastrática	Variação encontrada em diferentes estratos da população. Escolarizado vs. menos escolarizado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• figo → fígado</li> <li>• incelença → excelência</li> </ul>
Variação diamésica	Variação associada ao uso de diferentes meios ou veículos. Diferenças observadas entre língua falada e escrita.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• né → não é</li> <li>• ocêis → vocês</li> </ul>
Variação diafásica	Variação estilística, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento conferido ao seu comportamento verbal.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fala monitorada em situação de formalidade e informalidade.</li> </ul>

**Quadro 5: Tipos de variação linguística**

Partindo do princípio da existência de variações, os autores mencionam que ainda assim a língua falada, especificamente no contexto brasileiro, apresenta-se uniforme, pois a



variação não afeta aspectos substanciais da fonologia e sintaxe da língua, sendo assim, as diferenças existentes nas regiões não estabelecem um contraponto na comunicação, pelo contrário, os indivíduos das diferentes regiões podem estabelecer a comunicação sem que haja prejuízo ao seu entendimento.

As seções tratadas a seguir fazem menção aos termos sociolinguísticos de grande valia na compreensão dos fenômenos linguísticos existentes no tratamento da variação linguística.

### 3.5.1 Comunidade de fala

A sociolinguística demonstra-se como um campo de estudo abrangente, em que o foco do estudo correlaciona-se com a língua e a sociedade. Porém, quando se menciona a língua, devem-se levar em consideração onde e como ocorrem as trocas linguísticas, e a interação entre os falantes de modo que a visualização do fenômeno linguístico seja analisada de forma adequada. Dessa mesma forma, a sociedade engloba a participação de indivíduos com características comuns ou distintas, o que permeia sua relação conjuntamente com a língua e o falante, e centra-se na aproximação linguística dos interlocutores, o que caracteriza uma comunidade de fala em que serão analisados os dados pertinentes aos fenômenos de variação.

O conceito de comunidade de fala pode se expandir a vários níveis, que podem incluir o aspecto, individual, social e cultural. Nesse enfoque, Severo (2008) demonstra alguns conceitos de comunidade de fala embasados em definições de linguistas que apresentam suas visões que constituem a imagem da língua na sociedade.

Abaixo estão elencados alguns conceitos que definem ou representam o termo comunidade de fala de acordo com alguns linguistas. O quadro a seguir apresenta-se constituído a partir de dados obtidos de Severo (2008), em que o mesmo menciona alguns linguistas e suas concepções norteadoras acerca da comunidade de fala.

<b>Autor</b>	<b>Aspecto considerado</b>	<b>Definição de comunidade de fala/ questões norteadoras</b>
Dell Hymes (1972)	Aspecto social	Uma comunidade que compartilha regras para conduta e interpretação da fala, e regras para a interpretação de, pelo menos, uma variedade linguística.

Continuação		
Gumperz (1996)	Aspecto social e individual	A comunidade de fala constitui-se de uma rede de socialização, às quais se associam padrões de uso e de interpretação linguísticos.
La Page (1968) e Wardhaugh (2002)	Aspecto individual, psicológico	Cada indivíduo cria o sistema para o seu comportamento verbal de forma que ele possa se parecer com aqueles do grupo ou grupos com o qual se identifica(...) além disso, o indivíduo pode pertencer a diversas comunidades de fala. A identidade individual não se apresenta estática, o indivíduo está em constante processo de identificação.
Guy (2001)	Aspecto linguístico	A comunidade de fala constitui-se de três aspectos: compartilhamento de traços linguísticos, frequência alta de comunicação e equivalência no uso de normas e atitudes frente à linguagem.
Labov (1972)	Aspecto linguístico e social	Comunidade de fala pode ser definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à linguagem. Existe uma clara vinculação entre língua e comunidade de fala. O objeto da linguística deve ser o instrumento de comunicação da comunidade de fala. As pressões sociais estão continuamente operando sobre a língua.

**Quadro 6 – Definições de comunidade de fala**

Conforme visualizado no quadro anterior, existe uma dificuldade em conceituar de forma pontual o termo comunidade de fala, com isso, observa-se que a busca de uma definição adequada esbarra nas considerações acerca do indivíduo e sua contribuição na sociedade, além de outros aspectos como a identidade, interação e comportamento individual relativo à linguagem e a seu contexto de uso.

A partir disso, Guy (2000) explicita que essas características organizam as semelhanças e as diferenças no uso da língua. Além disso, a participação como membro de uma comunidade de fala está definido pelo contraste existente entre os traços linguísticos específicos da língua em uso, ou seja, em cada região aparecem as diferenças no “modo de falar” que constituem a trajetória da comunidade e do falante.

Conforme Figueroa (1994 apud SEVERO 2008), as noções de comunidade de fala atribuídas por Dell Hymes (1972) consideram sua heterogeneidade e consequente fluidez das relações entre falante e comunidade, pois o falante participa de diferentes comunidades.

Gumperz (1996 apud Severo 2008) sintetiza a comunidade de fala como redes sociais que são passíveis de análise e consequentemente o indivíduo apresenta-se socializado, sob esta perspectiva nos termos de nação e cultura, os grupos sociais tendem a formar redes de indivíduos em interação.

A comunidade de fala engloba vários itens que tratam dos aspectos linguísticos envolvidos na interação entre os falantes pertencentes à comunidade. Além disso, quando se fala em variação não se trata apenas da heterogeneidade/homogeneidade da língua em uso, neste sentido, conforme Severo (2008), a noção laboviana de comunidade de fala está centrada em dois aspectos imprescindíveis, atitude do falante em relação à língua, e as regras gramaticais compartilhadas por eles; portanto, questiona-se de que forma a comunidade de fala seria homogênea ou heterogênea.

A homogeneidade pode resultar da aproximação das características linguísticas dos interlocutores pertencentes à determinada comunidade e que compartilham itens gramaticais comuns. Da mesma forma, a heterogeneidade encontra-se constantemente visualizada, sendo que a mesma resulta da presença constante da variação da língua em uso, na medida em que o interlocutor transita nas mais diversas esferas da sociedade.

Partindo do pressuposto de que a variação pode chegar ao nível individual, conforme Beline (2012), o indivíduo utiliza as variantes, mas é no contato com outros falantes de sua comunidade que se encontram os limites de variação individual, ou seja, estando inserido em determinada comunidade sobressaem-se as semelhanças de fala devido ao processo comunicativo que se estabelece entre os integrantes dessa comunidade. Portanto, a comunidade de fala caracteriza-se por apresentar indivíduos com peculiaridades linguísticas comuns. Tais peculiaridades caracterizam a presença de várias comunidades que se aproximam por apresentar a variedade e, ao mesmo tempo, podem se distanciar devido aos limites geográficos e culturais.

A comunidade da fala, como visualizado anteriormente, apresenta os dialetos como parte constituinte de sua identidade linguística, portanto conceitua o dialeto significa adentrar e reconhecer a diversidade linguística dos integrantes da comunidade. Conforme Bagno (2007), muitos linguistas utilizam o termo dialeto para designar o que a sociolinguística chama de variedade.

A variedade linguística amplamente citada na presente pesquisa traz outros conceitos como o socioleto, o qual corresponde a variedade presente em um grupo de falantes e o idioleto que designa o modo de falar de um indivíduo em particular, além do cronoleto que justifica a presença da variedade em uma dada faixa etária (BAGNO, 2007).

### 3.5.2 Variáveis e variantes

O tratamento dos aspectos relativos à variação dentro de uma comunidade de fala envolve o desenvolvimento de pesquisas que englobam os fatores responsáveis pela sistematização da heterogeneidade presente entre os falantes de determinada língua.

Com isso, a heterogeneidade presente na língua conforme Bagno (2007), representa a sua multiplicidade e variedade, estando sempre em desconstrução e reconstrução. Além disso, a língua é uma atividade social.

Atividade social implica na caracterização de que existe uma interação constante entre os falantes, seja entre si, ou na comunidade da qual participa. A língua como atividade social coloca em pauta sua importância e dimensionamento na evolução da sociedade, visto que os indivíduos perpassam por mudanças individuais que os caracterizam e demonstram suas singularidades, e a língua faz parte desse processo como parte integrante e essencial.

Conforme Tarallo (2007), em toda comunidade de fala existem formas linguísticas de variação, tais formas de variação são denominadas **variantes linguísticas**. Nesse contexto, Mollica (2012) afirma que a variação consiste em um fenômeno universal em que coexistem formas linguísticas alternativas que são presenciadas na fala do indivíduo, justificando dessa forma a ocorrência de fenômenos variáveis que acentuam as características linguísticas do indivíduo e da comunidade. Nesse aspecto, o falante assume papel essencial no progresso de determinada variante linguística.

De acordo com Bagno (2004), a língua em todo seu sistema não se apresenta uno e invariado, na realidade toda língua que pertence a uma nação consideravelmente extensa e muito diferenciada social e culturalmente em que está situado um complexo de variedades e um conglomerado de variantes.

De forma sintetizada, Tarallo (2007, p. 8) aplica a seguinte definição aos termos “variante” e “variável”:

Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

Os termos citados anteriormente trazem uma maior fluidez e complementam a tríade: variação-língua-comunidade de fala, pois a consideração da comunidade de fala como objeto de estudo da sociolinguística necessita de bases que edifiquem seu significado, portanto, estudar a comunidade de fala implica observar o uso que a mesma faz da linguagem nas diferentes interações. O termo constitutivo da linguagem se estabelece na presença das variáveis.

### 3.5.3 Fatores linguísticos e extralinguísticos

Alguns fatores podem influenciar na sistematização da variação linguística, além disso, as principais formas de verificar a influência das variáveis na fala humana são condicionadas por fatores linguísticos ou extralinguísticos.

Os fatores linguísticos (internos) dizem respeito aos aspectos gramaticais, e os fatores extralinguísticos (externos) são os que concernem à influência do gênero do falante, à idade e à classe social, dentre outros. Tais fatores, citados também como restrições, colaboram com a presença da variação na fala da comunidade (ROBERTS, 1997).

Scherre e Yacovenco (2011) mencionam que a variação e mudança linguísticas são inerentes ao próprio sistema, dessa forma podem ser controladas por restrições, que, de acordo com Roberts (1997), são consideradas como fatores que alteram a utilização de estruturas variáveis e podem ser de caráter interno (estrutural) ou ainda influenciadas por fatores externos (social, contextual, discursivo...), ambos apresentando sua importância na compreensão dos fenômenos variáveis. Sendo assim, classe social, sexo, faixa etária do falante e estilo, por exemplo, são fatores necessários à interpretação de diversos fenômenos linguísticos variáveis.

Gomes e Souza (2012) trazem considerações importantes acerca das variáveis fonológicas presentes no discurso humano, já que, a partir disso, a visão da língua em sua heterogeneidade coloca em pauta a análise linguística voltada para a explicação de modos semanticamente equivalentes de fala de uma mesma palavra ou frase. Assim um mesmo fonema pode apresentar diferentes realizações fonéticas para um contexto explicitado no interior da comunidade de fala.

Os primeiros estudos quantitativos trataram das variáveis fonéticas/fonológicas como, por exemplo: alternância na posição da primeira vogal de ditongos (/ay/- *pride*/ /aw/- *house*), estudo realizado na ilha de Martha's Vineyard, conforme Oushiro (2011).

O estudo de citado anteriormente, diz respeito ao primeiro estudo sociolinguístico realizado por Willian Labov, a respeito de fenômenos identificados entre os falantes da ilha de Martha's Vineyard, a qual se localiza em Massachussets nos Estados Unidos. Essa pesquisa foi realizada na década de 1960 e observou que, devido às mudanças sociais decorrentes do povoamento na região (veranistas do continente), influências no contexto linguístico também ocorreram. Visto que os moradores mais velhos da comunidade conservaram a variante local, considerada não padrão e estigmatizada em detrimento da variante da população (veranistas) que adentrou na comunidade, tal variante era considerada inovadora e de prestígio (ALVES, 2008). Conforme Alves (2008), esse impasse entre moradores da ilha e veranistas caracteriza, segundo Labov, uma tentativa de conservar a língua local, ou seja, se evidencia o fato de que a língua é um fator de identidade social.

Para complementar os aspectos acerca dos trabalhos de Labov, cabe citar outro estudo sobre a estratificação social do inglês falado em Nova York, como nos aponta Alves (2008). Esse estudo também é tomado como referência na Sociolinguística quantitativa laboviana e mostra a influência de fatores extralinguísticos como “status social e mercado de trabalho” na variação.

Posteriormente os estudos no campo da sociolinguística quantitativa foram conduzidos para níveis mais elevados, e as análises fonéticas cederam espaço às análises morfossintáticas.

De acordo com Oushiro (2011), as análises morfossintáticas apresentam algumas dificuldades no que diz respeito à condução das pesquisas e à pertinência dos dados, visto que as variáveis no ponto de vista fonológico apresentam mais possibilidades de ocorrência. Desse modo, quatro problemáticas são citadas como pertinentes no estudo de variáveis em nível morfossintático: equivalência semântica entre variantes, definição do envelope de variação, relativa escassez de dados e, por último, falta de correlação entre as variáveis morfossintáticas e variáveis sociais.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), os fenômenos decorrentes da variação e mudança observados na fala adulta podem ser controlados por fatores internos que atuam de forma sistemática. A sistematicidade mencionada pelos autores esta correlacionada à estrutura da língua e à sua representatividade na sociedade.

As questões que envolvem a estrutura da língua e sua correlação com mudança e variação linguísticas buscam demonstrar dentro da sociolinguística variacionista os possíveis caminhos que apontam para a visualização do mecanismo subjacente à variação presente na fala.

A importância da sociedade e sua influência em longo prazo no progresso de uma língua trazem considerações importantes sobre o falante e as variações existentes dentro de uma mesma comunidade, ou seja, até que ponto o falante pode contribuir na propagação de determinada variante linguística.

Sob essa perspectiva Guy (2001 apud Beline, 2012), afirma que a comunidade de fala apresenta-se constituída de falantes que compartilham trocas linguísticas comuns, as quais os distinguem de outros grupos, além disso, comunicam-se mais entre si do que com outros grupos e, conseqüentemente, compartilham algumas normas e atitudes frente ao uso da linguagem, ou seja, transportam-se as diferenças geograficamente marcadas para as diferenças socialmente marcadas.

Portanto, o transitar por diversas comunidades, transpor limites geográficos, confere o dinamismo da interação entre língua e sociedade.

A importância do estudo da relação entre língua e sociedade nos remete ao fato de que a variação e a mudança linguística conferem traços característicos comuns à fala humana, o plurilinguismo presente nas diversas camadas populacionais potencializa o caráter heterogêneo e mutável da linguagem humana.

Partindo-se desse pressuposto, observa-se que os parâmetros envolvidos na variação, como o gênero do falante, apresentam características marcantes no que diz respeito à utilização de comportamentos linguísticos mais conservadores, como por exemplo, as mulheres tendem a utilizar as variantes de prestígio (SHERRE; YACOVENCO, 2011). Trata-se do Paradoxo do Gênero, formulado da seguinte forma:

As mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos que os homens quando as normas não são explicitamente marcadas (LABOV, 2001 apud SHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 123.)

A língua como atividade social nos remete ao fato de que, além do gênero, outros fatores podem contribuir para que as variações dentro da linguagem tornem-se mais explícitas, como a questão do estilo, o qual, do ponto de vista sociolinguístico, pode significar a escolha ou não de determinada variante.

Segundo Da Hora e Wetzels (2011), a variação estilística engloba a variação na fala de forma individual mais do que entre grupos de falantes, sendo assim, está mais presente na forma intrafalante do que entre falantes de uma língua. Diversos aspectos convergem para o estudo de estilo enquanto restrição linguística para o uso ou não de determinada variante.

Primeiramente deve-se explicitar o que de fato são as restrições citadas anteriormente, para tanto se menciona, segundo os autores que as restrições (“um dos problemas a ser solucionado por meio de uma análise sociolinguística”) dizem respeito a um conjunto de fatores sociais ou estruturais que estão ligados a um processo linguístico.

Conforme Bagno (2007), a variação de fala individual ocorre de forma mais o menos inconsciente, dependentemente da situação de interação comunicativa. O falante utiliza as formas que considera adequadas ao processo comunicativo, ou seja, a utilização de determinada variante opera conjuntamente com o grau de formalidade, interlocutores envolvidos, o que potencializa o monitoramento de fala intrapessoal.

Nesse enfoque, Bagno (2007) conceitua o monitoramento estilístico do falante como uma escala contínua, situada de um grau mínimo a um grau máximo de monitoramento. Todos esses aspectos colaboram para a exploração do aspecto social da linguagem e a interação entre os interlocutores. Esses dados consideram a abordagem laboviana que definem estilo como atenção prestada à fala e a abordagem centrada basicamente na estratificação social.

Atualmente postulam-se novas perspectivas acerca da variação estilística. Da Hora e Wetzels (2011) complementam essa afirmação, considerando que a investigação do padrão estilístico não se concentra apenas em um ou mais fatores sociais, mas sim por diversos fatores que podem contribuir para variação intrafalante, além disso, o estilo do falante pode variar em decorrência de sua própria criatividade, ou seja, não há mudança somente pelo fato de existir ou não a formalidade, mas sim o interlocutor trabalha a linguagem de acordo com suas possibilidades. O interlocutor utiliza a fala para estruturar e reestruturar a situação externa em que está inserido, assim como suas relações interpessoais e sua própria identidade (DA HORA; WETZELS, 2011).

Na pesquisa desses fatores, a Sociolinguística constitui-se como um ramo da Linguística que se caracteriza por uma rigorosa metodologia de trabalho, a qual será abordada na próxima seção.

### **3.5.4 Metodologia do estudo sociolinguístico**

Levando-se em consideração todos os aspectos do estudo sociolinguístico, alguns dos fatores que envolvem esse tipo de pesquisa devem ser considerados: metodologia do trabalho, entrevista, coleta de dados, transcrição de dados linguísticos. Conforme Tarallo (2002 apud Lorandi, 2013), a pesquisa variacionista busca desfazer a hipótese de que a variação



linguística é caótica e desordena e menciona a sistematização da heterogeneidade linguística como uma afirmação à presença da diversidade linguística. Os modelos adotados nos estudos de cunho variacionista são embasados no modelo teórico metodológico da sociolinguística quantitativa de Willian Labov.

Conforme Silva (2010), o estudo da linguagem apresenta-se complexo e, por isso, devem-se utilizar métodos adequados para sua investigação, visto que a linguagem não pode sofrer manipulação ou experimentação por métodos convencionais. Desse modo, cabe ao pesquisador respeitar as regras e adequar-se ao seu material de pesquisa. O método de observação apresenta-se como potencializador do estudo da linguagem e suas manifestações.

A observação parte do objeto mais geral para o específico, ou seja, ao estudar as manifestações linguísticas de determinada comunidade, o pesquisador primeiramente observa o conjunto e elenca os fatores necessários para sua abordagem inicial. Algumas etapas são citadas por Lorandi (2013): determinar a variável que será estudada, posteriormente verificar a comunidade a ser pesquisada e a ocorrência dessa variável, pesquisar o histórico da variável a ser analisada. Partindo disso, de forma que o estudo tenha confiabilidade para ser realizado de forma efetiva, a comunidade envolvida na pesquisa deve ser estudada a fim de se elencar a ocorrência de outras variáveis independentes.

#### 3.5.4.1 O informante

Partindo-se da escolha da comunidade e da variável a ser estudada, procede-se à composição da amostra, em que serão coletados os dados pertinentes à pesquisa. Dessa forma a prioridade do sociolinguista está centrada na busca de informantes, considerando itens como: idade, sexo, faixa etária, classe social.

Conforme Cezario e Votre (2011), o sociolinguista procura recolher um número de dados suficientes para que sua amostra seja consistente. Sendo assim, os informantes escolhidos na comunidade de fala a ser estudada são aqueles que residem no local desde a infância, mais precisamente desde os cinco anos de idade, período em que a aquisição da gramática da língua materna foi adquirida em sua totalidade.

#### 3.5.4.2 Coleta de dados

Segundo Silva (2010), a abordagem realizada na comunidade deve ser sucinta em decorrência de fatores que implicam uma coleta de dados eficaz, ou seja, a forma de adentrar

na comunidade pode interferir na qualidade e quantidade dos dados de fala obtidos. O número de informantes que farão parte da amostra dependerá de alguns fatores: homogeneidade da população, número de variáveis pesquisadas, fenômeno a ser estudado e método estatístico.

Conforme Battisti e Fialho (2012, p. 1120):

(...) a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade. O indivíduo herda da comunidade o sistema da língua (a variação, inclusive). Os informantes são representantes da comunidade e a comunidade é definida pelo analista através das categorias sociais que propõe e controla na análise. O que define a comunidade de fala são os padrões de uso da língua e não o indivíduo ou a fala individual.

Conforme os autores, a língua não se comporta como um objeto único e intransponível, o qual pode ser manipulado individualmente; pelo contrário a língua faz parte da comunidade e, nesses padrões, todos os aspectos relativos à linguagem e à sua transformação perpassam por um todo que engloba a variação como parte integrante do sistema. Nesse enfoque em que a língua pode ser observada em sua coletividade, e os fatores linguísticos presentes na comunidade podem ser sistematizados, uma das metodologias de abordagem do informante utilizada em larga escala tanto em pesquisas com crianças como em estudos com a população adulta, consiste na entrevista sociolinguística.

A entrevista sociolinguística consiste em um método eficaz de coleta de dados, em que o pesquisador aproxima-se mais da comunidade de fala na qual está sendo realizado o estudo. A forma de condução da entrevista seguirá princípios norteadores que se estabelecem nas bases dos estudos labovianos.

Conforme Tavares (2004), a entrevista sociolinguística de linha laboviana, apresenta-se vinculada a uma prática discursiva, sendo que o entrevistador não está preocupado com *o que é dito* e sim *como* ocorre a enunciação. Ainda conforme o mesmo autor, durante a entrevista ocorre a busca constante do vernáculo, ou seja, a enunciação dos fatos, proposições e ideias necessitam ser representadas de forma natural pelo informante; neste momento não há monitoramento nas enunciações do falante, ocorre um grau mínimo de atenção prestada à fala.

Nesse sentido, conforme Bagno (2007 p. 51), o vernáculo pode ser definido da seguinte forma: “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala”. Ainda conforme o autor, o vernáculo parece ser uma base segura para investigação dos fenômenos de mudança linguística que são capazes de afetar a língua e seu curso.

#### 3.5.4.3 Paradoxo do observador

O pesquisador sociolinguista necessita participar ativamente da interação proposta pelo estudo a ser realizado, ou seja, o mesmo não será apenas um pesquisador, mas também um observador consciente de sua posição frente à comunidade a ser estudada.

Conforme Tarallo (2007), o pesquisador utilizará do método de observação no momento de investigar a comunidade de fala e a variável a ser analisada, ainda neste enfoque se estabelece um contraponto questionável acerca do papel do pesquisador. Dessa forma, sabe-se que para uma análise necessita-se de uma grande quantidade de dados, e a forma de coletar os dados, como citado anteriormente, pode interferir nos resultados da coleta, com isso, o estabelecimento de padrões de entrevista e modo de conduzi-la proporcionam resultados satisfatórios ou não.

Em síntese o paradoxo do observador centra-se na participação ativa do pesquisador na interação com o informante, ou seja, se faz necessário que o pesquisador, enquanto observador, adentre a comunidade como um integrante em potencial para que a coleta de dados seja eficaz.

Existem algumas propostas de estudo que buscam olhar para a aquisição da linguagem sob o viés da Sociolinguística Variacionista de Labov. A eles nos dedicaremos na próxima seção.

### 3.6 AQUISIÇÃO DA VARIAÇÃO

Os fatores língua e sociedade estão fortemente influenciados pelo fator cultural predominante entre as diferentes comunidades de fala, o estabelecimento de padrões linguísticos fundamentados na heterogeneidade da língua demonstra parâmetros de estudo dos diferentes componentes que abrangem a tríade: aquisição da linguagem- *input* linguístico- variação linguística.

De acordo com Nardy, Chevrot e Barbu (2012), quatro décadas de estudos foram desenvolvidos acerca da variação linguística na fala adulta, neste intervalo de tempo inúmeras alternativas para o processo de variação linguística foram evidenciados. Verificou-se que fatores intralinguísticos e extralinguísticos são responsáveis pela heterogeneidade da língua. Ainda segundo os autores pode-se dizer que a variação dialetal na população adulta se mostra bastante esclarecida, visto que a sociolinguística empreendeu inúmeros avanços nos estudos sobre variação e mudança linguística. Em contrapartida a psicolinguística se acerca de estudos cada vez mais inovadores sobre a aquisição da linguagem.

Conforme o exposto anteriormente, aliar os estudos da variação com a aquisição da linguagem faz emergir um campo novo e complexo, no que diz respeito à estrutura e ao funcionamento da língua. Sob esse viés, uma das mais valiosas áreas de estudo da sociolinguística atualmente está centrada na aquisição da variação.

Roberts (1997) afirma que a aquisição da variação é uma área pouco explorada no campo das relações entre aquisição da linguagem e sociolinguística. Por isso, torna-se importante sistematizar estudos acerca da aquisição da variação com a criança como foco de estudo.

Existem inúmeros estudos sobre a variabilidade inerente a linguagem, porém tais estudos centram-se na fala adulta, sendo raros os estudos que englobem o período mais ativo para o desenvolvimento da linguagem e suas variações, por isso os estudos sobre aquisição da variação são escassos (ROBERTS, 1997). Nesse enfoque coloca-se em pauta o período crítico de aquisição da linguagem, ou seja, o período em que a criança demonstra todas as suas particularidades linguísticas não somente na aquisição das regras ditas categóricas como também os fenômenos variáveis que representam a variabilidade da língua materna.

De acordo com Alencar (2006), a análise da aquisição de processos variáveis do ponto de vista sociolinguístico envolve vários aspectos que merecem ser elucidados, primeiramente destaca-se que não podemos falar somente da aquisição da variação em relação a sociolinguística variacionista, mas também ampliar as perspectivas acerca da incorporação de padrões linguísticos, sociais e estilísticos da variação inerente a comunidade de fala a qual a criança pertence.

Sendo assim, desenvolver pesquisas acerca do processo pelo qual a criança adquire as regras variáveis permeia a análise de vários aspectos que envolvem a criança, o *input* linguístico que recebe e a comunidade de fala.

Conforme Labov (1994 apud ALENCAR, 2006), algumas razões são apontadas para que a existência de estudos acerca da variação e mudança na fala infantil seja mais escassa, sendo que uma das razões remete ao fato de que são considerados mais significativos os dados recolhidos na fala adulta, e outra razão diz respeito à estabilidade apresentada na fala adulta, visto que, depois de estabilizado, o sistema linguístico não sofre mudança significativa.

Ainda de acordo com Alencar (2006), esses aspectos citados anteriormente sofreram mudanças a partir de estudos mais recentes no campo da sociolinguística, deste modo, considera-se o período de aquisição da linguagem um campo fértil para pesquisas dos fenômenos variáveis e de mudança linguística.

Conforme Roberts (1997), a maioria dos estudos centra-se em períodos posteriores a fase crítica de aquisição. Desta forma, pode-se dizer que se perdem muitos dados importantes acerca da variação e mudança linguística presentes na linguagem humana.

Segundo Roberts (2002 apud ALENCAR, 2006, p. 40), “as crianças são de fato membros de suas comunidades de fala desde as suas primeiras interações linguísticas e têm muito a nos dizer sobre variação e mudança”.

Nesse ponto, inicia-se a abordagem mais precisa da influência do *input* não somente na aquisição das regras variáveis, mas também a sistematização de dados relevantes para a abordagem dos fenômenos linguísticos predominantes na comunidade de fala.

Segundo Alencar (2006), algumas dificuldades são apresentadas durante o estudo da aquisição de processos variáveis<sup>5</sup>, e uma delas diz respeito à determinação da variação na fala da criança sendo motivada pelo *input* a que ela está exposta, ou se os padrões de variação fazem parte do desenvolvimento linguístico da criança<sup>6</sup>. Desse modo, o *input* pode estar correlacionado com os padrões de variação observados na fala infantil.

O papel da criança na comunidade linguística caracteriza-se pelo amplo reconhecimento de sua participação em relação às evidências de propagação de determinada variável linguística encontrada na fala adulta. Os dados relativos à propagação e à formação das características do dialeto pertencentes à comunidade de fala podem ser observados no período de aquisição da língua materna, a partir de estudos voltados às questões sociolinguísticas da fala infantil.

Conforme Smith, Fortune, Durham (2007), pesquisas em sociolinguística mencionam que alguns dos fatores relativos ao uso de variáveis linguísticas/variação comumente encontradas ou observadas na fala adulta apresentam-se de forma considerável na fala infantil nos períodos de aquisição da língua materna.

Nesse mesmo enfoque, Chambers (2003 apud SMITH; FORTUNE; DURHAM, 2007), ressalta que uma das principais evidências em estudos sociolinguísticos dessa natureza correspondem ao fato de serem escassos os estudos que indiquem um intervalo de tempo entre a aquisição da competência gramatical da criança e o desenvolvimento de sua competência sociolinguística, caracterizando assim um contraponto entre a aquisição das regras ditas categóricas e as regras variáveis.

---

<sup>5</sup>A aquisição de processos variáveis, segundo Roberts (1997), caracteriza-se por demonstrar a heterogeneidade da língua, quando se menciona variabilidade a mesma pode estar ligada a aspectos de ordem fonológica e gramatical.

<sup>6</sup>Conforme Roberts (1997), a variação apresentada na fala adulta, faz parte da competência linguística que a criança adquire de modo a tornar-se um falante de sua língua.

Gomes (2006) confirma esse aspecto, pois cita três pressupostos básicos envolvidos no estudo da aquisição de padrões fonológicos variáveis: aquisição, teoria fonológica e variação linguística. Tais pressupostos afirmam que, nos estudos da aquisição da variação, leva-se em consideração que a criança não só adquire conhecimento sobre o contraste lexical como também sobre os mecanismos de produção de fala de sua comunidade caracterizada por contrastes regionais e sociais.

O grande impacto dos estudos mais recentes acerca da aquisição da variação reside no fato de que a criança pode apresentar padrões variáveis na fala, porém o principal foco das pesquisas seria o momento em que isso ocorre, e grau de envolvimento do *input* no processo de aquisição das regras variáveis.

O *input* nesse contexto funcionaria como facilitador da aprendizagem e desenvolvimento da criança, Com isso, faz-se necessário sistematizar alguns dados acerca de sua influência na aquisição das regras variáveis. Para tanto, diversos estudos foram desenvolvidos buscando demonstrar a influência da fala dirigida à criança em contextos e localidades específicas.

Conforme Alencar (2006) alguns questionamentos devem ser levados em consideração na análise do processo de aquisição de fenômenos variáveis:

- a. A criança pode adquirir um processo variável ou apenas espelha as possibilidades que visualiza no *input* linguístico do adulto?
- b. Em que momento do processo aquisitivo as variações e as restrições podem se instalar na fala infantil?
- c. Qual seria a ordem de aquisição dos condicionamentos relativos aos fatores linguísticos, sociais e estilísticos?

Ainda segundo Alencar (2006), esses questionamentos apresentam respostas controversas e conduzem a hipóteses conflitantes. A partir disso, nesta pesquisa de cunho bibliográfico são elencados alguns estudos que relacionam alguns dados acerca da aquisição de processos variáveis, de forma que se possam visualizar as diferentes concepções que norteiam as pesquisas acerca da aquisição da variação.

Nardy, Chevrot e Barbu (2012) citam o estudo de Fischer em 1958, o qual corresponde a um estudo pioneiro na aquisição da variação. Nesse estudo foram avaliadas 24 crianças (3 e 10 anos) e o contexto de uso da variável (-*ing*). Segundo essa pesquisa houve diferenças na utilização da variável padrão (-*ing*) e variável não padrão (-*in*), em que as meninas fazem um maior uso da variável padrão em contraposição aos meninos que utilizam a variável não padrão. Dessa forma observou-se que a escolha entre uma variável ou outra

pode estar relacionada à classe social, ao gênero do falante, à intenção comunicativa e aos graus de formalidade da conversa.

Em 1964, Labov comparou o desenvolvimento linguístico de 58 crianças e adolescentes com idade entre 8 e 19 anos, ambos divididos em cinco grupos de acordo com a idade. O estudo buscava observar o desenvolvimento (produção e avaliação) de variáveis fonológicas, a partir da fala produzida em diferentes situações comunicativas que representam graus de formalidade ou informalidade. Os dados foram obtidos por intermédio de avaliações subjetivas das variantes e teste de auto avaliação. Os dados dos grupos subdivididos por idade foram comparados com a norma linguística presente na fala adulta (NARDY, CHEVROT e BARBU, 2012).

Ainda de acordo com os autores, esse estudo de Labov (1964) oferece uma teoria mais geral acerca da competência sociolinguística no campo da pesquisa variacionista e, sob esse viés, Labov apresenta um modelo de desenvolvimento para a aquisição do inglês padrão falado em diversas comunidades, e caracteriza algumas fases que representam esse período:

- a. Gramática básica (antes dos 5 anos) - compreende o período em que a criança adquire as principais regras gramaticais e léxico do inglês, nesse período a criança recebe influência linguística dos pais.
- b. Vernáculo (5-12 anos) - compreende o período em que a criança aprende o uso do dialeto local, por intermédio da interação com sua comunidade de fala.
- c. Percepção social (início da adolescência) - compreende o período em que a criança ainda utiliza o vernáculo da comunidade de fala e também reconhece a importância social de seu dialeto.
- d. Variação estilística (adolescência tardia) - compreende o período em que o adolescente começa a modificar seu discurso.

Conforme o exposto acima, nota-se que os padrões de fala apresentam-se em constante mudança e pressupõe que a criança interage com o adulto desde a idade mais precoce e continua seu desenvolvimento linguístico até a adolescência, sempre fazendo uso da interação social. Porém, como nos explicam Nardy, Chevrot e Barbu (2012), os estágios iniciais representados na pesquisa de Labov não apresentam de forma clara a possibilidade de ocorrência da simultaneidade do *input* linguístico recebido dos pais e do *input* da comunidade de fala, ou seja, mostra-se a criança como um falante que recebe influência somente do *motherese*.

A partir da pesquisa de Labov pode-se considerar que a influência do *input* linguístico específico da fala materna como essencial para o desenvolvimento linguístico da

criança. Porém, esse fator linguístico (*motherese*) representa o primeiro contato da criança com o meio e os contextos de uso da linguagem, o que reforça o papel da interação da díade mãe e criança.

Com embasamento nas relações entre língua e sociedade, heterogeneidade da língua conjuntamente com a aquisição da língua materna, verifica-se a existência de aspectos que se correlacionam entre si, como menciona Chambers (2003 apud SMITH, FORTUNE e DURHAM, 2007), já que, a partir do momento em que as crianças adquirem suas línguas maternas, elas adquirem as variantes locais e as normas de seu uso.

Nesse contexto, a criança assume papel principal nos estudos variacionistas acerca da aquisição da variação e, por estarem em um processo de aquisição da língua materna, todas as variáveis que vierem a surgir em sua gramática pertencem às categorias sociolinguísticas de sua comunidade de fala.

Um exemplo da pesquisa sociolinguística seria dos autores Guy e Boyd (1990), que realizaram uma pesquisa fundamentada nos parâmetros sociolinguísticos de variação presente em uma comunidade de fala na qual determinada regra variável se estabilizou, ou seja, a presença de determinada regra variável encontra-se em ampla visualização em diferentes idades. Para Guy e Boyd (1990), o estudo do padrão de exclusão de t/d em verbos semifracos do inglês parece demonstrar a heterogeneidade presente na fala de crianças e adultos, sendo assim, diversos estudos que serão demonstrados nas seções seguintes desta pesquisa de cunho bibliográfico, contemplam o uso desta variável na abordagem do tema aquisição da variação.

Ainda segundo os autores, o estudo do desenvolvimento da linguagem infantil decorre de diversos fatores de suma importância, e um problema a ser enfrentando diz respeito à constante mudança do sistema linguístico.

Quando falamos em mudança linguística, devemos levar em consideração que a mudança propriamente dita não diz respeito a uma alteração abrupta do sistema linguístico, e sim uma adaptação lenta e gradual do sistema linguístico pela incorporação de variáveis, trocas linguísticas, por exemplo. E, como mencionam os autores Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.145) “ o avanço da mudança linguística rumo à conclusão pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social”.

A pesquisa de cunho sociolinguístico nas quais são avaliadas as mudanças da fala infantil representa diversas alternativas acerca da mudança e progresso da língua. Como as variáveis estudadas tendem a se mostrar claramente na fala adulta, o delineamento da pesquisa acerca do desenvolvimento da fala infantil engloba a sistematização de métodos



mais específicos, como citam Guy e Boyd(1990), em que em alguns casos o estudo longitudinal parece não ser tão eficaz, pois não apresenta dados relativamente consistentes, devido à mudança abrupta e constante da linguagem.

Levando-se em consideração esses aspectos, o estudo populacional transversal de corte pode representar uma forma mais segura e eficaz de analisar o progresso e a mudança da língua em determinados tipos de estudos, a utilização de uma amostra com um número variado de indivíduos de diferentes idades auxilia na pesquisa mais generalista das questões relativas à aquisição de determinados fenômenos, como mencionado por Guy e Boyd (1990).

Importante ressaltar que, dependendo do estudo a ser realizado e a variável a ser analisada, os trabalhos podem exigir diferentes metodologias, e cabe ao pesquisador identificar as melhores possibilidades de realização do estudo sociolinguístico. Pesquisas longitudinais, transversais são realizadas de forma a tentar responder e suprir as lacunas existentes acerca da linguagem, da variação linguística e suas especificidades. A aquisição da variação adentra este campo complexo da linguagem e desenvolvimento de estudos nessa área amplia as possibilidades de reconhecimento da heterogeneidade da língua.

Alguns estudos como os de Roberts (1997) também utilizam como parâmetro a utilização de regras variáveis já estabilizadas em uma comunidade de fala, como o processo de exclusão de t/d em final de palavra. Esse fenômeno se faz presente em várias localidades norte-americanas, com isso, o estudo da fase inicial de sua aquisição pode elucidar as condições de produção pela criança, ou seja, a criança pode adquirir a regra variável por meio da interação com o adulto conjuntamente com a aquisição das regras categóricas.

Neste contexto, pesquisar variáveis já estabilizadas na fala adulta e presentes na comunidade de fala de forma pontual fornece subsídios importantes no estudo da propagação da variante, ou seja, a constatação dos aspectos sociais envolvidos na conservação das variantes não padrão ou a incorporação de variantes consideradas de prestígio potencializa a língua como fator social, como nos ilustra Alves (2008), quando cita os estudos pioneiros de Labov na década de 1960.

Segundo Roberts (1997), existem também alguns estudos que buscaram elucidar a ocorrência de aquisição de fenômenos variáveis na fala infantil, dentre eles, o Kovac e Adamsom (1981), que investigou a variação na produção (restrições fonológicas e gramaticais) do verbo finito “ser”(be) com crianças de 5 a 7 anos (americanos africanos e ingleses brancos). Os resultados obtidos demonstraram que as crianças de cinco anos apresentaram as restrições fonológicas e gramaticais, o que sugere que o processo de aquisição de regras variáveis pode ocorrer no início da aprendizagem de línguas.

À pesquisa embasada nas fundamentações teóricas e práticas da variação linguística presente na fala adulta concerne uma série de subsídios que auxiliam na formulação de hipóteses acerca da aquisição da variação pela criança.

Roberts (1997) menciona ainda que muitos estudos são embasados na variabilidade inerente à linguagem, aquisição de segunda língua e, em casos de variação estável, somente na fala adulta, e os resultados sugerem que muitos fatores extralinguísticos como a localidade, a classe social, a etnia e o gênero contribuem para a variação presente na fala. Com isso, deve-se considerar a importância do período que o processo tende a ocorrer, dessa forma os estudos que englobam idades mais precoces, podem elucidar os fatores responsáveis pelo reconhecimento da variabilidade presente na fala infantil.

Smith, Durham e Fortune (2007) colocam em pauta a aquisição de formas variáveis em idades mais precoces. Segundo eles, a criança é capaz de aprender que existem duas formas de dizer a mesma coisa, ou seja, a criança reconhece que existe o processo de variação. Um aspecto a ser questionado seria o modo de aquisição desse conhecimento. Para isso as autoras citam Labov (2001), que menciona que a variação linguística é transmitida para a criança com diferenciações estilísticas em graus de formalidade e informalidade.

Nesse ponto, observa-se que a criança adquire as regras variáveis de sua língua, porém o ponto de partida, o estado inicial da aquisição necessita ser elucidado.

O estudo realizado por Smith, Durham e Fortune (2007) buscou identificar as diferentes influências sobre o processo de aquisição, levando em consideração os efeitos das variáveis extralinguísticas.

Com isso, as autoras buscaram elucidar o estado inicial da variação linguística em concomitância com os padrões observados na fala adulta. Em estudos anteriores como os de Brown em 1973 acerca da aquisição da variação, observou-se que a fala da criança era considerada apenas uma fase passageira no seu desenvolvimento linguístico e que as formas variáveis visualizadas neste período seriam “corrigidas” e posteriormente ocorreria uma progressão para a aquisição das regras categóricas (SMITH, DURHAM e FORTUNE, 2007).

Assim como na fala adulta, a variação no discurso do cuidador e da criança é condicionada pelo fator social, sendo que a idade, fala dirigida a criança pelo cuidador e a variável estudada tem um impacto de como a variação é adquirida, como afirmam Smith, Durham e Fortune (2007).

Dessa forma, o aspecto social apresenta um grau de influência menor no momento da aquisição da variação, ou seja, as restrições fonológicas e gramaticais podem ser adquiridas primeiro.

Por exemplo, sob esse viés, Smith, Durham e Fortune (2007), citam os estudos de Roberts (1994, 1997a, 1997b e 2002) em que as crianças de idade pré-escolar adquirem as restrições fonológicas e gramaticais primeiro. Em contraponto a esses dados as autoras citam ainda os estudos de Labov (1989) em que as restrições estilísticas e sociais são adquiridas antes das fonológicas e gramaticais.

Esses estudos podem demonstrar ainda que de forma superficial, que as variações dependem do contexto, características do dialeto da comunidade de fala entre outros.

Nesse contexto, Nardy, Chevrot e Barbu (2012) mencionam que o fator social pode ser responsável pela diferenciação do vernáculo presente na comunidade de fala. Os autores citam ainda que, dentre os aspectos mais estudados dentro do campo de pesquisa da aquisição da variação, dizem respeito aos fenômenos variáveis que estão centrados na fonologia, e os mesmos tiveram seu início na década de 70, com posterior evolução nas décadas de 80 e 90.

Os autores mencionam ainda que os estudos mais recentes concebem o fator social como relevante na produção de variantes locais. Nardy, Chevrot e Barbu (2012) realizam uma breve explanação de alguns estudos centrados nas restrições fonológicas, primeiramente citam a pesquisa realizada em 1977 por Macaulay com 32 crianças e jovens entre 10 e 15 anos em Glasgow na Escócia, em que foram avaliadas cinco variáveis fonéticas (i),(u),(a), (au) e (gs). Foi observado que o fator social resulta na produção de determinada variante, ou seja, quanto maior a classe social, mais frequente é a produção de variantes padrão.

Em outro estudo realizado por Chevrot et. al em 2000, com crianças de 6-7 anos e 10 a 12 anos, a análise do padrão de exclusão de /R/pós consonantal do dialeto francês correlacionado ao padrão de formalidade e informalidade na fala, demonstrou que o fator social pode ser determinante na escolha do padrão variável dessa exclusão.

Os autores citam ainda outros estudos de Chevrot 2000 e Barbu 1998, que mostram a relação do fator externo (classe social) como determinante na escolha de determinada variável, o estudo realizado contou com 185 crianças francesas com idades de 2,3 e 6 anos de classe alta e classe baixa. Esses estudos demonstram que o fator social pode determinar a ocorrência de determinada variável, dependendo da comunidade de fala. Tanto como o nível fonético e o fator social representam grande influência na aquisição da regra variável da comunidade de fala, dado que parece ser extremamente relevante nos estudos relacionados ao período de aquisição da variação.

Smith, Durham e Fortune (2007), em suas pesquisas, abordam algumas questões sobre a quantidade de dados necessários, dados do vernáculo. Sobre esse aspecto encontra-se um fator importante, o qual está relacionado à metodologia do estudo sociolinguístico, em que

a amostra, a coleta de dados e o paradoxo do observador são questões fundamentais a serem consideradas nas pesquisas relacionadas não somente à aquisição da variação, mas também às pesquisas acerca da variação linguística na fala do adulto.

Isso demonstra que pesquisar o período de aquisição de determinada regra variável inclui sistematizar toda a estrutura do período aquisicional da linguagem em associação à metodologia do estudo sociolinguístico, levando em consideração a idade, a abordagem do informante entre outros fatores relevantes. Conforme Roberts (1997), a utilização de crianças de faixas etárias diferentes constitui uma base sólida para a avaliação da aquisição da variação.

A abordagem da aquisição envolve não apenas a aquisição da linguagem, a variação linguística, mas também traz considerações relevantes sobre o que ocorre no sistema linguístico quando, em uma comunidade de fala, as variáveis fazem parte do contexto de usos linguísticos do falante. Nessa perspectiva, a mudança linguística já citada anteriormente reflete a categorização e estratificação “positiva” da língua materna, ou seja, podemos visualizar que a sociedade está em evolução, e a estratificação representa que a diversidade e heterogeneidade afirmam seu espaço, tanto em nível linguístico como em nível social, visto que as trocas linguísticas e a interação são favorecedoras do *continuum* evolutivo.

De acordo com Yang (2000), a mudança linguística é observada quando uma geração de falantes produz expressões linguísticas diferentes das produções das gerações anteriores. Tal mudança pode estar relacionada às interações decorrentes do contato entre os falantes e dos fatores externos que podem influenciar na ocorrência das regras variáveis. Como potencializadores desses aspectos, Yang (2000) menciona também que, embora a linguagem infantil apresente diferenças em relação à fala adulta, tais diferenças são restritas a vários aspectos, a fala da criança apresenta uma evolução contínua e evidencia a influência do *input* linguístico.

A seguir são elencados alguns estudos específicos acerca da aquisição da variação, os quais são extremamente importantes na compreensão do processo aquisicional dos fenômenos variáveis, a maioria dos estudos foi realizada em outros países, desta forma obtém-se um apanhado geral das metodologias, análises, e fatores relevantes na ocorrência das regras variáveis.

O Quadro 7 mostra de forma concisa alguns dos estudos citados na literatura especializada, de modo a fazer um resumo que auxilie a análise.

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Amostra</b>	<b>Delineamento do estudo</b>	<b>Resultados</b>
Guy e Boyd	1990	4-65 anos	Estudo transversal Analisar a ocorrência da variável de supressão t/d, por intermédio da idade como fator relevante. Ex.: <i>mist, lost, missed</i>	Com o aumento da idade, a ocorrência da variável (supressão de t/d) tende a diminuir. Mudança linguística em curso.
Roberts e Labov	1995	17 crianças (11 meninas e 6 meninos) com idade entre 3;2 e 4;11	Estudo longitudinal Análise das variáveis vogal “a” tensa e vogal “a” relaxada. Variáveis presentes em palavras como: vogal a “tensa”→ <i>mad, glad</i> e vogal a “relaxada”→ <i>aspirin, ascot</i>	Com a análise dos dados verificou-se que as crianças estavam adquirindo as normas de uso das variáveis da comunidade de fala e, dessa forma, utilizavam mais as variantes tensas.
Roberts	1997	n = 16 crianças (10 meninas e 6 meninos) Idade: 3:2 a 4:11	Estudo longitudinal Padrão de exclusão das consoantes t/d em final de palavras como: <i>mist / nest</i> (monomorfêmicas) e <i>slept/ left</i> (verbos semi fracos). Domínio das restrições fonológicas e gramaticais	A criança adquire os padrões de fala em consonância com o observado na fala adulta.
Gomes	2004	n = 5 crianças (2;6 e 5)	Estudo Longitudinal Observar no período aquisitivo, a emergência das variantes do complemento indireto de verbos bitransitivos.	Ocorre maior frequência da preposição “para” em contrapartida à ocorrência da preposição “a”, que ocorre em contextos de maior formalidade.
Smith, Durham e Fortune	2007	n= 24 díades(crianças de 2;6 a 4)	Estudo longitudinal, análise da variável <i>hoose</i> <sup>7</sup> e marcação de plural. Ex.: <i>Now, house e down.</i>	Crianças mais jovens= forma padrão em correlação com o <i>input</i> que recebe, crianças mais velhas maior contato com variante local.
Smith , Durham e Fortune	2009	n = 11 díades (crianças de 2;11 e 3;11)	Estudo longitudinal, análise do fator de exclusão das consoantes [t] e [d]. Análise da interação entre criança e cuidador.	Criança e cuidador apresentam utilização de exclusão t/d, tendência para diminuição de ocorrência com o aumento da idade.
Lorandi	2013	n = 2 crianças (9:1 e 5:9) um menino e uma menina	Estudo Longitudinal Regra variável de não concordância verbal	Sujeito posposto favorece a ocorrência da não concordância, sujeitos compostos por nomes favorecem mais a não concordância verbal, e em relação a saliência do material fônico a regra variável também é favorecida.

**Quadro 7: Estudos acerca do tema aquisição da variação**

<sup>7</sup> Variável *Hoose*: representa o ditongo /au/ e monotongo/u/.

Em sequência serão sistematizados os dados encontrados acerca do tema aquisição da variação, com embasamento nos estudos apresentados do quadro anterior.

Guy e Boyd (1990), realizaram um estudo com crianças e adultos, com o intuito de sistematizar os dados relativos às taxas de ocorrência da variável t/d, partindo do pressuposto da idade como fator relevante, visto que a diferença de idade entre os participantes apresentava-se muito ampla.

Nesse contexto, evidencia-se a influência dos fatores de relevância social conjuntamente com a idade na propagação de um fenômeno variável. O estudo utilizou a amostra a partir dos dados coletados por pesquisadores treinados, a amostra fazia parte do *corpus* do estudo da universidade da Pensilvânia. Os dados foram coletados e obtidos por métodos de entrevista sociolinguística (formal e informal), com informantes do sexo masculino e feminino, com equivalência na classe social. As entrevistas obtiveram a duração de 1 hora para adultos e um tempo menor para as crianças. Conforme Guy e Boyd, a variável estudada pode ser afetada por outros fatores além da estrutura morfológica (verbos no passado, verbos semi fracos), como os fonéticos(sibilantes, fricativas, entre outros), por exemplo.

Os resultados do estudo mostram que as palavras inflexíveis (*mist*) apresentam uma elevada taxa de supressão de t/d, verbos semi fracos no passado como: *lost* e verbos regulares no passado como: *missed*. Os dados mostram também que com o aumento da idade, o padrão de ocorrência da variável tende a diminuir.

As restrições fonológicas não exercem influência sobre a ocorrência da variável, pois apresentam níveis insignificantes. Em relação ao progresso de mudança da língua, os resultados obtidos no estudo mostram que, no caso da Filadélfia, a mudança linguística apresenta-se em curso, no ponto de vista aquisicional relativo às classes morfológicas, visto que os outros fatores não representam respostas para a mudança em curso no dialeto da comunidade de fala do sul da Filadélfia.

No que diz respeito à mudança em curso, podemos mencionar que, segundo Weinreich, Labov e Herzog(2006), a mudança apresenta-se como uma consequência muitas vezes inevitável da dinamicidade interna da língua, e as restrições conforme os dados obtidos na revisão acerca da sociolinguística variacionista apresentam-se como fatores relevante.

Roberts e Labov (1995) realizaram um estudo no sul da Filadélfia, como uma área que apresenta certa homogeneidade linguística (considerando o ponto de vista sociolinguístico, em que uma comunidade de fala pode ser homogênea por englobar suas diferenças e diversidades).Importante ressaltar que essa região também será utilizada em

outros estudos acerca da aquisição de processos variáveis diversificados. O estudo utilizou uma amostra de 17 crianças com idades entre 3;2 a 4;11, sendo 11 meninas e 6 meninos. Nesse estudo foram verificados as variáveis: vogal “a” tensa, presente em palavras como: *mad*, *glad* e a vogal “a” relaxado (não tensa), presente em palavras como *aspirin*, *ascot*.

Os dados foram coletados em 146 horas de gravação, em um período de 4 meses, o local escolhido representa uma parcela da população em que não existem muitos imigrantes e a qual sua maioria pertence a etnia branca e classe socioeconômica equivalente. As crianças escolhidas fazem parte do projeto sobre linguagem e variação e frequentam a creche de 3 a 5 dias da semana. Das 17 crianças, 13 residem na Filadélfia e 4 não residem. Os resultados obtidos demonstraram que as crianças adquiriram as normas da comunidade e fazem um uso amplo das variáveis correspondentes à vogal “a” tensa.

Em sua pesquisa Roberts (1997) analisa dezesseis crianças com idades entre 3;2 a 4;11, as quais foram gravadas durante três meses em uma creche no sul da Filadélfia (local adequado por apresentar uma comunidade com menos propensão à presença de imigrantes e com certo grau de homogeneidade). O estudo foi embasado em pesquisas anteriores acerca da variável dependente [t,d] em que sua supressão foi encontrada na maioria dos estudos. A pesquisa de Roberts (1997) tentava elucidar a ocorrência da aquisição desta variável e o modo de funcionamento do processo aquisitivo. Para isso, foram utilizadas palavras monomorfêmicas em que as restrições ocorrem frequentemente: *mist* e *nest*, além de *slept* e *left*, os quais são verbos semi fracos.

De acordo com os dados levantados para o estudo, a ocorrência desta variável dependente é mais favorecida quando as mesmas [t] e [d] são seguidas nas palavras por uma obstruente e menos favorecida quando as variáveis [t] e [d] são seguidas por uma líquida, por um glide, menos ainda por uma vogal e por último por uma pausa. Conforme as observações de Roberts, alguns fatores são relevantes na ocorrência e determinação da supressão de [t] e [d], como a classe social, gênero, etnia e estilos de conversação.

A metodologia do estudo consistiu na abordagem da entrevista sociolinguística, contextos informais e atividades estruturadas, visando à coleta de dados suficientes para o desenvolvimento do estudo. Foram utilizadas de seis a treze sessões por crianças, com o intuito de reunir as informações necessárias, totalizando cento e quarenta e seis horas de gravação.

Os resultados obtidos revelaram que existe uma estreita relação entre os padrões de supressão de [t e d] na fala infantil e aquelas anteriormente documentados na fala adulta nos estudos de Guy (1980) e os adultos participantes do estudo. As crianças adquirem as

restrições fonológicas e gramaticais em conformidade com o observado na fala adulta, em contrapartida o domínio das restrições sociais não se apresentou elucidada.

Esse estudo demonstrou que a criança pode ser capaz de aprender a variação em idades mais precoces, além de identificar as possibilidades de que as mesmas adquiram as regras influenciadas pelo dialeto da comunidade de fala. O estudo demonstra também que as crianças não copiam e sim aprendem as regras do contexto linguístico que estão inseridas.

Gomes (2004) desenvolveu uma pesquisa centrada na identificação das variantes relacionadas a expressão dativo no português brasileiro no período aquisitivo e como se articulam no português falado no Brasil.

Conforme a autora, esses padrões observados nas estruturas linguísticas no período aquisitivo tendem a ser reflexo do *input* ao qual a criança está exposta. Portanto, nesse estudo buscou-se investigar a frequência de ocorrência nas comunidades de fala. Os dados deste estudo fazem parte do *corpus* do projeto “aquisição linguística em contexto de *input* variável”. Ainda conforme a autora, as estruturas do português brasileiro com verbos bitransitivos não são frequentes na língua, por isso os dados são analisados somente qualitativamente. A amostra foi estratificada de acordo com idade e sexo (4 meninas e 1 menino).

Conforme a análise dos dados, em relação às variantes, ocorre maior frequência do objeto nulo, o clítico é mais frequente como referência a 1ª pessoa, a ausência da preposição é a variante de mais baixa frequência.

Exemplos em relação ao objeto nulo:

- E: ...ou pro Papai Noel, hein, Natal tá chegando, que quecê vai pedir pra ele, hein?
- Eu vou pedir um... uma Polly e um carro [ ] (Isa)
- Eu vou tirar foto com o Papai Noel. Ele vai me da(r) brinquedinho.
- Vai me da(r) que eu pedi [ ] (May)

De acordo com os dados obtidos em relação à presença das variantes dativo do português brasileiro, observou-se que as ocorrências nas falas da criança não contemplam todas as variantes presentes na fala do adulto ou na comunidade de fala carioca.

A presença da preposição “para” na maioria dos complementos indiretos e ausência da preposição “a” em outros contextos pode evidenciar um processo de mudança no dialeto carioca. Considera-se também que a ocorrência/emergência da variante preposição “a” pode ocorrer com crianças acima da faixa etária de 5 anos, dependendo do contexto a que são expostas.



Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006), a língua só pode ser entendida por meio de seus variados contextos de uso, por isso, ao estudar a variação, o processo aquisicional da língua e a aquisição da variação deve-se levar em conta que as línguas variam, são heterogêneas e que mudanças também ocorrem, por exemplo, uma variável pode vir a se tornar uma forma linguisticamente aceitável como integrante do sistema linguístico em diversas comunidades de fala.

No caso do dialeto presente nas diferentes regiões do Brasil, o que se observa é uma diversidade incontestável e linguisticamente heterogênea, o que potencializa a ainda mais o caráter mutável das línguas naturais e com isso as comunidades de fala tornam-se “homogêneas” nos contextos de uso da linguagem.

A pesquisa desenvolvida por Smith, Durham e Fortune (2007) analisou duas variáveis linguísticas do dialeto escocês. A comunidade estudada faz parte de uma vila situada na Escócia, o dialeto apresenta grandes possibilidades de um estudo sociolinguístico, pois apresenta uma infinidade de variáveis e formas gramaticais, porém altamente estruturadas.

O dialeto se apresenta isolado (social e geograficamente), com isso, a comunidade de fala propicia a pesquisa de variedades locais e conseqüentemente a variação presente na fala infantil.

O estudo constituiu-se em uma amostra de 24 díades, com idades entre (2;6 e 4;0 anos), para tanto, alguns critérios foram estabelecidos: pais nascidos e criados na comunidade, desenvolvimento típico de linguagem, mãe como principal cuidadora, nenhuma criança deveria estar em creches.

Foram analisados o contexto de uso da variável *hoose* (ditongo /au/ e monotongo/u:/) e marcação de plural, ambos aspectos condizentes e pertinentes a estrutura linguística da comunidade de fala. A variável *hoose* está representada ortograficamente por palavras como: *now, house e down*. As diferenças existentes entre as duas variáveis decorrem do fato de que as comunidades de fala apresentam características dialetais específicas dependentes da localidade ou área geográfica. Como no caso do monotongo presente na região norte da Escócia e o ditongo dominante na região sul.

Esta variável sendo pertencente a *OUT class* e realizada ortograficamente como /au/ e /u/, pode demonstrar as possibilidades de ocorrência ou não da variação na fala, devido à sua influência no contexto linguístico.

A escolha da variável parte do princípio de que existem diferenças de dialeto para dialeto, sendo assim foi necessário a escolha de itens que fariam parte do contexto variável a

ser analisado, ou seja, nem todas as palavras poderiam fazer parte do corpus de estudo, visto que não apresentavam variabilidade no sistema linguístico.

A partir dos dados analisados sugere-se que a fala do cuidador pode influenciar na fala da criança, ou seja, nota-se que realmente o cuidador utiliza de formas sintaticamente mais simples e mais próximas da criança, o que sugere a diferença do *input* recebido/percebido pela criança. As crianças mais jovens utilizam a forma padrão, o que se considera que nem todas as crianças apresentam variáveis em sua fala. O estudo sugere que esses fatores dependem do *input* que a criança recebe, visto que as crianças mais velhas têm um contato mais próximo com a variante local que incorpora a monotongação no contexto linguístico.

Ao passo que a criança envelhece, o adulto gradualmente torna sua fala mais próxima da interação com um adulto. Nesse contexto observa-se que a criança começa a demonstrar as mudanças no padrão e contexto de uso da variável padrão e não padrão. Conforme os dados do estudo, as crianças adquirem as restrições externas do uso da variável e, de forma semelhante, reconhecem as restrições internas, pois já tiveram contato com a diferenciação lexical das palavras.

A pesquisa de Smith, Durham e Fortune (2009) remonta também a uma variável sociolinguística bastante estudada na sociolinguística, a exclusão de [t] e [d], pois, como mencionam os autores, a mesma representa uma gama de fatores de restrição morfológicos e fonológicos que trazem subsídios para a elucidação dos fatores envolvidos na aquisição da língua materna e variação linguística. A pesquisa foi desenvolvida com crianças em idade pré escolar e sua interação com os cuidadores primários em uma comunidade da Escócia.

Uma série de fatores pode estar envolvida nos processos de aquisição da variação, muitos deles envolvem os aspectos articulatórios e morfológicos como favorecedores da aquisição de uma variável. Esse estudo traça um paralelo entre os aspectos interacionais e sociais como favorecedores do processo aquisicional de uma variante presente na língua materna.

Os dados são provenientes da pequena cidade de Buckie (situada na costa noroeste da Escócia), a amostra contém 11 díades, sendo que as crianças apresentam idades entre 2;11 e 3;11, com 10 horas de gravação por díade, totalizando 110 horas de gravação. Foi utilizado um corpus de 250.000 palavras que circunscreviam o contexto variável. Foram excluídas algumas palavras que poderiam oferecer dificuldade na análise dos dados, como palavras com contexto de neutralização: *Remember where we went last time? (caregiver)*, palavras fricativas interdentais, /t/ com uma nasal anterior e uma vogal seguinte: *Do you want a*

(*wanna*) *drink of milkie?* (*caregiver*), encontros consonantais como de /rd/ ou /rt/: *You dinn a fal land hurt yourself.* (*caregiver*), entre outros contextos.

A partir da análise e da categorização dos dados analisados, levando em consideração os estudos anteriores sobre o estudo correlacionado com o padrão de exclusão de /t/ e /d/, os resultados obtidos demonstraram que a “variável é raramente categórica”, não há correlação significativa entre a fala do cuidador e da criança, no que diz respeito a supressão de /t/ e /d/. Além disso, quando se analisa o fator idade, as crianças utilizam menos a variante a partir do momento que aumenta sua idade.

Quando os dados são analisados em função da fala do cuidador e idade da criança, observa-se que a fala do cuidador apresenta maiores taxas de exclusão em consonância com o aumento da idade da criança.

Em relação ao fator gênero do falante, os dados apresentam-se variáveis, três cuidadores de meninas apresentam taxas menores de exclusão do que a média global, três cuidadores de meninos também têm taxas mais baixas, isso sugere, de acordo com os autores, que não existe relação entre *input*, *output* e as taxas de utilização da variável. Os autores mencionam também que há uma tendência para um aumento na ocorrência da variável na fala do adulto em detrimento da diminuição nas taxas de ocorrência na fala da criança por ocasião da idade.

Os autores realizaram uma análise multivariada de itens lexicais, gramaticais, morfológicos e contextos de uso, para tanto, os resultados obtidos demonstraram as diferenças e as semelhanças entre criança e cuidador, as restrições articulatórias são mais significativas na fala da criança, na fala do adulto se apresentam mais proeminentes as restrições gramaticais, estilísticas, fonológicas.

Em síntese, os dados revelam que a criança e o cuidador apresentam a utilização da exclusão/supressão das variáveis t/d, com isso se observa que existe uma tendência positiva para a ocorrência do padrão variável na fala infantil, e que tal ocorrência diminua à medida que a idade da criança aumenta. A fala do cuidador apresenta mudança dependendo do contexto situacional.

Em relação aos estudos brasileiros sobre a aquisição da variação, observam-se trabalhos sobre marcação de plural, concordância verbal, entre outros. Um dos trabalhos citados anteriormente, de Gomes (2004), faz menção ao dialeto carioca e à utilização das variáveis de complemento de frases (variantes dativo). Sob esse viés de pesquisas no português brasileiro (PB), destacam-se também trabalhos como o de Lorandi (2013), acerca

da concordância verbal no português brasileiro, embasada em estudos anteriores de Scherre e Naro (1998).

A pesquisa de Lorandi (2013) envolve uma amostra de duas crianças, com idade de 5:9 e 9:1 anos, período em que a fase de aquisição da linguagem está “ completo”, ou seja, a criança já adquiriu a gramática de sua língua materna. Porém, este estudo buscou elucidar em que período a criança adquire a regra variável de concordância verbal, visto que anteriormente os estudos estavam embasados na fala adulta.

O estudo de Lorandi (2013) explorou o caso de concordância não verbal, conforme citado pela própria autora, uma abordagem diferente do estudo de Scherre e Naro (1998), que buscava elucidar a concordância verbal na fala adulta. Com isso, a variável escolhida para a pesquisa foi a variante zero como variável dependente.

Para tanto, algumas variáveis independentes foram escolhidas para o estudo, dentre elas citam-se algumas: estrutura sintática, posição do sujeito, classe gramatical, saliência do material fônico, entre outras, e como variáveis extralinguísticas independentes: idade e sexo e contexto de produção.

Os dados foram analisados estatisticamente por meio de programa GOLDVARB, com uma amostra pequena de dois falantes( 9:1 e 5:9, um menino e uma menina). Além disso, a pesquisa cumpriu com as exigências de um estudo variacionista, visto que a coleta de dados com a criança merece especial atenção. A coleta de dados foi subdividida em momentos específicos: fala espontânea, descuidada e formal, com o intuito de obter os aspectos relativos a concordância verbal.

Os resultados obtidos mostram que o sujeito posposto favorece o fenômeno da não concordância, enquanto que o sujeito anteposto favorece menos a não concordância. Os sujeitos constituídos por nomes favorecem a não concordância verbal, os demais sujeitos como os pronominais são menos favorecedores da não concordância. A última variável selecionada consistiu na saliência do material fônico, em que dois aspectos favorecem a ocorrência da variável, são eles: acréscimo de segmentos na forma plural( eles faz/fazem) e mudança na qualidade da vogal na forma plural(eles com/comem).

Esses estudos trouxeram uma contribuição importante para o reconhecimento da variação na comunidade de fala, ou seja, o reconhecimento de que a língua é heterogênea e diversificada e estabelece um consenso acerca da presença de padrões linguísticos diferenciados, que conforme Guy (2000), fazem menção a comunidade de fala como uma unidade social com funções específicas, assim existem semelhanças e diferenças linguísticas tanto a nível individual como social.

#### 4 RESULTADOS/DISCUSSÃO

Os resultados apresentados nesse estudo de cunho bibliográfico fazem menção aos aspectos abordados acerca da linguagem humana, da aquisição da linguagem e posteriormente ao *input* linguístico, a variação linguística e a aquisição da variação.

Em pesquisas mais atuais, nota-se a crescente ampliação e aprimoramento das metodologias que investigam a linguagem e suas interfaces. Ao longo dos estudos pesquisados notou-se que as metodologias foram sendo aprimoradas e a linguagem passou de “puro e simples objeto de estudo” para um fator relevante na ordem social, além de se tornar um importante indício no desenvolvimento humano em vários níveis, como fazem menção os autores Smith e Kirby (2008).

Ainda no contexto da linguagem observa-se que o apanhado de teorias mais remotas como a behaviorista, por exemplo, em que a criança era visualizada como uma “tábula rasa” a ser preenchida por estímulos, até as mais atuais que ultrapassam limites que décadas atrás julgavam-se intransponíveis, concebem o reconhecimento da evolução da linguagem humana. Observações empíricas, denominações equivocadas de conceitos acerca da linguagem cederam espaço a abordagens que enfatizam a interação, a troca linguística e também o funcionamento biológico como aspectos fundamentais na evolução da capacidade linguística do falante.

Nesse aspecto, França (2004) nos traz o conceito da linguagem sob o ponto de vista do reconhecimento das funções cerebrais superiores, o que corrobora hipóteses atuais da neurociência que aprimoram cada vez mais o conhecimento da linguagem humana.

Cabe ressaltar que primeiramente as bases empíricas do processo de aquisição abriram lacunas acerca da linguagem humana e suas especificidades, o ser humano enquanto ser social constantemente busca respostas para os questionamentos relativos à sua evolução. Nesse enfoque, procura-se elucidar de forma clara o modo como se adquire a linguagem e como a mesma se propaga em determinada comunidade de fala; para isso, desenvolvem-se estudos cada vez mais abrangentes e específicos sobre a aquisição e a variação linguística.

Autores como Morato e Koch (2003) mencionam que a cognição apresenta-se como um fator importante no desenvolvimento da linguagem, essa afirmação condiz com o desenvolvimento das relações sociais apontadas por Hubner e Adhengui (2010). Esses dois autores introduzem as perspectivas relativas à linguagem e à sua função social, dessa forma, por intermédio da pesquisa bibliográfica, foi possível observar o papel relevante da cognição, dos aspectos biológicos e funcionais da linguagem humana.

Foram obtidos diversos estudos acerca da influência do *input* na aquisição da linguagem, mais precisamente a fala *motherese* ou *manhês*. Os estudos apresentaram resultados satisfatórios em relação à influência do *input* na aquisição da linguagem, ou seja, as teorias de interação social atualmente representam a maior disponibilidade e aceitabilidade de subsídios capazes de demonstrar os fatores responsáveis pela aquisição da língua materna.

Tais estudos centrados no *input* linguístico oferecem subsídios mais eficazes sobre a importância da fala materna dirigida à criança e o desenvolvimento linguístico da mesma. Como mencionado anteriormente que as pesquisas sob o viés da interação social mostram de forma palpável a influência do *input* na aquisição da linguagem, o presente estudo demonstrou, sob o ponto de vista de Snow (1997), as alternativas correspondentes ao *motherese/manhês*, como fonte principal de aprimoramento da linguagem da criança. O que pode ser confirmado por autores como Medeiros e Salomão (2011) acerca da interação social, a qual é permeada de inúmeras e constantes trocas, nesse caso específico entre a díade (mãe/cuidador e criança).

Os estudos presentes nesta pesquisa bibliográfica dizem respeito mais especificamente à interação e à responsividade da criança no contexto interacional, além das características pragmáticas da fala materna, como no estudo de Bráz e Salomão (2002). Já no estudo de Souza e Affonso (2007) foram visualizados de forma mais proeminente os comportamentos linguísticos de ensino (fala materna), visto que a faixa etária da criança presente no estudo condiz com o período pré-linguístico da aquisição da linguagem, como menciona Almeida (2007), que, por volta dos dois meses de idade, os primeiros fatores linguísticos utilizados pela criança decorrem da associação da linguagem gestual com a linguagem expressiva (choro, barulho, etc.).

Assim como no estudo de Medeiros e Salomão (2012), que abarcam um estudo mais direcionado à criança portadora de deficiência visual, em que presença da fala materna torna-se primordial na interação da criança com o ambiente e a associação da linguagem verbal com a ação gestual, nesse enfoque procedemos a ampliação do *motherese* como o ampliador da comunicação da criança com o mundo que a rodeia.

Dentre os estudos longitudinais demonstrados nesta pesquisa, observou-se que existem diferenças na fala dirigida à criança, tanto em contextos de desenvolvimento típico da linguagem como desenvolvimento atípico. O estudo de Vêras e Salomão (2005) acrescentou dados relevantes e que posteriormente servirão de base para outros estudos e contribuirão para o aprimoramento de pesquisas relativas a crianças com desenvolvimento típico e atípico de linguagem, visto que nesse estudo observou-se que o *motherese* envolvido na interação entre

as díades pode ser favorecedor de desenvolvimento típico da linguagem devido à contingência semântica da fala materna; em contrapartida, no mesmo estudo, crianças com desenvolvimento atípico da linguagem recebem um *input* menos fluido, mais diretivo à criança, o que não contribui para seu desenvolvimento, pois não está facilitando a troca interativa.

Seidl de Moura, Pessôa e Oliva (2008) são autores que trazem uma nova abordagem para as questões interacionais entre mãe e criança. Na pesquisa destes autores, os aspectos cognitivos e afetivos fazem parte da abordagem do período aquisicional da linguagem, sob esse enfoque visualiza-se a inserção de novos métodos para avaliar a interação entre a díade, além de explorar a cognição, a interação e a linguagem de forma conjunta, pois de fato o estudo de ambas de forma isolada parece discutível e inviável, como os próprios autores mencionam. Esse estudo traz à luz concepções do aspecto interacional citado por Morato (2006), em que toda ação humana procede de interação e, como menciona também Almeida (2007), a abordagem da interação social no estudo da aquisição da linguagem leva em consideração todos os possíveis fatores envolvidos no processo, tais como: os cognitivos, os sociais, os afetivos, entre outros.

O estudo de Pessôa e Seidl de Moura (2011) valorizou a contingência semântica da fala materna por intermédio dos fatores linguísticos sintáticos (mais proeminentes) em associação com contexto de interação com a criança, a faixa etária das crianças presentes no estudo (12-24 meses), corroborou a hipótese de que a fala materna pode se ajustar ao contexto linguístico da criança e, como menciona Snow (1997), a criança recebe *inputs* diferenciados que colaboram para a aquisição normal da linguagem, e cita alguns itens como os lexicais, as intenções comunicativas, a sintaxe e o discurso como facilitadores ou não do desenvolvimento da linguagem, importante ressaltar que tudo depende das diferenças individuais e natureza do *input* recebido pela criança.

Além disso, estabelecer um consenso entre quais fatores são mais relevantes para ocorrência de determinado fator linguístico pode tornar-se inviável se forem avaliados os dados de forma generalizada sem levar em consideração as diferenças individuais e culturais de cada comunidade.

O tratamento do *input* linguístico nesta pesquisa bibliográfica pode abranger a questão da idade da criança em concomitância com o pico de desenvolvimento linguístico citado anteriormente nas etapas aquisicionais da língua, o que trouxe um importante subsídio para a análise dos dados e resultados dos estudos, visto que a observação das etapas presentes aquisição da linguagem proporciona a visualização do período mais propício para a

verificação de determinados aspectos da aquisição da língua materna. Sob esse viés, considera-se o conhecimento das especificidades da linguagem humana como primordiais para o reconhecimento dos mecanismos subjacentes a sua propagação e consequente variação em dada comunidade.

Como o foco desta pesquisa centra-se no *input* e aquisição da variação, consequentemente a variação linguística merece uma abordagem sucinta de seus principais conceitos e embasamentos teóricos que justificam sua ocorrência na sociedade. Adentrar ao campo sociolinguístico significa estar inserido em questões que englobam a língua e a sociedade. Conforme os aspectos levantados nesta pesquisa bibliográfica, os estudos sempre obtiveram notoriedade com falantes adultos, ou seja, a variação linguística está ancorada na heterogeneidade, diversidade presentes na comunidade de fala sob a perspectiva de estudos enfocados primordialmente na fala adulta.

Dessa forma, o tratamento da variação e a metodologia de estudo sociolinguístico por décadas levaram em consideração somente o falante adulto e suas contribuições na propagação de uma ou outra variante em sua comunidade. Isso nos leva a considerar que o estudo da variação linguística somente seria possível na fala adulta, porém essa afirmação decaiu frente às pesquisas mais atuais que trazem a ideia já confirmada de que a criança apresenta papel principal nas pesquisas acerca da aquisição da variação e mudança linguística, conforme Alencar (2006), o qual afirma que atualmente a sociolinguística amplia seu foco de estudo para os fatores de aquisição de regras variáveis. Desse modo, conforme o exposto nessa pesquisa, os estudos que estão centrados em idades mais precoces que englobam falantes jovens tentam suprir as lacunas do processo aquisicional de regras variáveis.

Como mencionado nesta pesquisa bibliográfica, Gomes (2006) cita os aspectos relativos à aquisição de padrões fonológicos variáveis, relativos à aquisição, à fonologia e à variação, esses itens proporcionam o questionamento de que a língua apresenta suas particularidades e todos os fatores envolvidos devem ser contextualizados de forma sucinta. Sendo assim, isso nos traz a ideia de que a “a representação linguística está intimamente ligada ao uso” como nos remete Gomes (2006, p. 80).

Esse fator citado anteriormente mais uma vez retrata de forma não peculiar, mas generalizada a influência do *input*, ou seja, a linguagem estando baseada no uso faz referência à forma como o falante recebe a língua proveniente do contexto social que está inserido.

Esse aspecto torna-se importante para a verificação do período em que ocorre a aquisição de regras variáveis, devido à pertinência dos dados levantados na fala adulta, o mais



significativo em termos de variação linguística e propagação de regras variáveis, sendo possível a constatação do período inicial em que a criança adquire as variáveis de sua língua.

Roberts (1997) mencionou que a maioria dos estudos estava centrado em fases posteriores ao período crítico de aquisição, e esse fato coloca em pauta as possíveis “alternativas” que possam responder como de fato ocorre a aquisição de regras variáveis se forem levados em consideração falantes com idade inferior a 5 anos, pois aos cinco anos a criança já adquiriu todas as estruturas da língua materna, como nos remetem Karmiloff-Smith (1979) e Lamprech(1990). Sob a perspectiva teórica das autoras e conforme foi visualizado nos estudos sobre o tema do presente estudo, seria inconsistente e traria poucos resultados satisfatórios a investigação de dados com falantes com idades superiores a cinco anos, pelo menos no que se refere a regras categorias da gramática da língua. Importante ressaltar que o fator idade se mostraria relevante para analisar o ponto exato ou mais próximo da aquisição de regras variáveis.

Para ilustrar e mostrar mais consistência ao período crítico da aquisição, Santana (2004) afirma que o desenvolvimento neurológico e o *input* se encontram de forma associada, e dessa forma, se o indivíduo já alcançou a maturidade, o sistema linguístico não sofrerá alterações ou acomodações, pois se desenvolveu de forma plena. Esse fator colabora para a importância da influência do *input* nas fases iniciais da aquisição da linguagem, um dos objetos de estudo deste trabalho de cunho bibliográfico, na medida em que a autora afirma que, após o alcance do desenvolvimento linguístico em potencial – e isso pode englobar não somente a regras categóricas como as regras variáveis –, a criança já estabiliza sua fala e tornam-se imperceptível os fatores primordiais e específicos relativos à aquisição.

Dentre os autores amplamente citados no decorrer da pesquisa, Tarallo (2007) traz considerações acerca da variação presente na linguagem humana, e o mesmo edifica a importância da relação entre língua e sociedade, conceitos chaves em qualquer pesquisa de cunho variacionista.

Como toda pesquisa basicamente está embasada em um estudo prévio, os autores demonstrados neste estudo como Oushiro (2011) e Alves (2008) citam Willian Labov como precursor dos estudos variacionistas, assim como os estudos acerca da variação na fala adulta oferecem subsídios importantes para o aprimoramento de pesquisas sobre a variabilidade existente na língua, os mesmos também podem fornecer os indícios de como deve ser a pesquisa sobre a aquisição de processos variáveis, pois, como será demonstrado a seguir em vários estudos, regras variáveis já estabilizadas na fala adulta conferem uma base para o estudo do ponto de partida de aquisição de tais regras.

Nesta pesquisa foi elencada uma série de estudos que caracterizaram uma abordagem mais sucinta da aquisição da variação, uma área ainda pouco explorada e que contribui para muitos aspectos da aquisição da língua materna. Portanto, os estudos elencados nesta pesquisa bibliográfica demonstraram alguns fatores que podem esclarecer de que forma ocorre o processo de aquisição da variação. Nesses estudos, o fator social apresenta-se relevante na aquisição de processos variáveis, como no estudo de Guy e Boyd (1990), Gomes (2004), em que o fator extralinguístico desempenha um importante aspecto a ser considerado, visto que como engloba a classe social, gênero, entre outros.

O estudo de Roberts e Labov (1995) apresentou a ocorrência da aquisição das regras variáveis da comunidade de fala pelas crianças selecionadas no estudo, isso nos remete ao fato de que, por ser uma variável praticamente estabilizada na comunidade, a criança adquiriu a regra variável em consonância com o *input* linguístico que recebe. Nesse ponto, coloca-se em pauta novamente a importância do *input* e, como nos explica Ramos (2010), afirmando que o enriquecimento linguístico da criança tem no *input* um fator primordial, visto que o contexto social oferece diferentes alternativas no uso da linguagem.

As teorias que abordam a interação social e o conhecimento inato do falante proporcionam o reconhecimento das principais características do dialeto da comunidade de fala, seja em nível linguístico e/ou cultural e, como mencionam os autores Bagno (2007), Tarallo (2007), a questão língua e sociedade estão fortemente influenciados pelo fator social e cultural que condizem com a diversidade linguística dos indivíduos.

Na pesquisa de Roberts (1997), os resultados mostraram também que a criança adquire a regra variável de exclusão de t/d de acordo com o padrão estabelecido na fala adulta, assim como no estudo de Roberts e Labov (1995), o *input* também se apresenta como favorecedor da aquisição de regras variáveis.

De acordo com Yang (2000), o desenvolvimento linguístico infantil acontece de forma gradual, ocorre um contraponto entre a aquisição da linguagem de um modo geral e os padrões de desempenho linguístico caracterizados pela presença de variáveis.

Essa questão coloca em pauta os períodos de desenvolvimento linguístico da criança e o fator social e interacional nos contextos comunicativos que a criança está inserida.

O estudo citado anteriormente mostra que a criança “aprende” o contexto variável da linguagem, não o copia. Nesse ponto observa-se que o *input* recebido pela criança pode ser fundamental no desenvolvimento de sua linguagem, a aquisição de restrições gramaticais e fonológicas pode ser facilitado pelo padrão articulatorio, ordem aquisitiva e combinações de palavras que estão presentes na língua materna, ou seja, algumas variantes podem apresentar

certo grau de facilidade de articulação ou produção que a criança adquire a partir da interação com o adulto.

Como complemento, Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam que o princípio da heterogeneidade ordenada e sistemática pode estar presente em todos os níveis linguísticos, o que não exclui em hipótese alguma a existência de regras categóricas.

Nas pesquisas de Gomes (2004), o *input* linguístico que a criança recebe pode determinar a influência da ocorrência da regra variável. Isso não justifica, porém, a ordem de aquisição, ou seja, não se pode verificar se a criança adquire primeiro as regras categóricas ou as regras variáveis, pois os itens fonológicos, gramaticais e lexicais que estão presentes nas regras variáveis podem ser facilitados pelos padrões articulatorios os quais apresentam combinações de consoante e vogal, por exemplo.

Conforme Duarte e Paiva (2006), o reconhecimento do português brasileiro (PB) como heterogêneo, com uma conjunção de diferentes “modos de falar” marcados social e geograficamente, possibilitam a visualização dos postulados de Weinreich, Labov e Herzog sobre a heterogeneidade ordenada do sistema linguístico. No estudo de Gomes (2004), a variável analisada faz parte de um processo linguístico ordenado e que ainda não está estabilizado, o que confere a mudança em curso da língua. No caso do dialeto carioca, os complementos indiretos podem ocorrer variavelmente de forma preposicionada ou não, isso pode justificar a heterogeneidade presente na comunidade de fala, na medida em que a criança adquire uma ou outra variável decorrente do *input* que recebe.

No decorrer desta pesquisa, nota-se que a variação linguística já apresenta bases sólidas que edificam sua contribuição no fator social e cultural nas comunidades como no enfoque brasileiro, por intermédio de estudos correlacionados com a marcação de plural, concordância de número, como os estudos de Scherre e Naro (1998), no artigo intitulado “Sobre a concordância de número no português falado no Brasil”, no qual foi embasado o estudo de Lorandi (2013), em que foram abordadas as características da concordância não verbal na fala infantil.

No Brasil, os estudos acerca da aquisição da variação são escassos. No presente trabalho foram abordados dois estudos que abordam a questão da aquisição de processos variáveis com embasamento em estudos na fala adulta e literatura especializada.

O estudo Smith, Durham e Fortune (2007) faz uma relevante consideração acerca da influência do *input* na aquisição da regra variável, pois no estudo a prevalência da forma padrão na fala da criança é proeminente em consonância com o observado na fala adulta, outro dado relevante diz respeito à ocorrência da predominância de regras variáveis com

crianças mais velhas e as crianças mais jovens utilizam a forma padrão, o que está de acordo com o que Snow (1997) diz a respeito da influência do *input* linguístico que a criança recebe, já que o *motherese* apresenta características diferentes da fala normalmente utilizada pela comunidade de fala.

Em relação ao aspecto social amplamente citado como relevante no desenvolvimento da linguagem, aborda-se o *input* linguístico, o qual se apresenta como favorecedor da aquisição da linguagem, variação linguística e, mais precisamente, nos aspectos relativos à criança, favorece e potencializa o aprimoramento de suas habilidades por intermédio da fala *motherese* ou *manhês*. Importante ressaltar que, embora muitos fatores sejam elencados de forma afirmativa como favorecedores, potencializadores, ampliadores, o que irá contribuir para sua efetividade serão as características individuais, os estímulos provenientes do meio e a eficácia das metodologias de análise de um ou outro padrão existente na língua.

O campo mais complexo e conflituoso presente nesta pesquisa diz respeito à aquisição da variação, pois a mesma está em fase de construção de conceitos, elaboração de teorias, sendo difícil sua contextualização e sistematização. Os estudos americanos mostram várias faces da aquisição de variantes/variáveis, mas não existe um parâmetro para o entendimento de como o processo aquisicional das variáveis ocorre.

Para exemplificar, os estudos de Guy e Boyd (1990), Roberts (1997), Smith, Durham e Fortune (2009) apresentam como foco de estudo a mesma regra variável, porém com investigações e análises sob diferentes perspectivas, o que não responde totalmente aos questionamentos realizados frente a esses estudos, como por exemplo a ordem de aquisição das regras categóricas e variáveis, mas certamente apresentam dados significativos: influência da idade na ocorrência das variáveis, aspectos relativos à mudança em curso, entre outros.

Em síntese os estudos demonstrados nesta pesquisa de cunho bibliográfico, demonstraram, em sua maioria, a influência do *input* linguístico na aquisição de regras variáveis e, como nos afirma Gomes (2004), nas abordagens em que o *input* é preponderante, defende-se a ideia de que desde o início do período aquisitivo os padrões observados na fala infantil correspondem ao reflexo do *input* que as mesmas recebem do adulto.

## CONCLUSÃO

O estudo da aquisição da linguagem contempla inúmeros conhecimentos e desafios, estudar a língua e suas especificidades representa um grande avanço para as pesquisas acerca do desenvolvimento linguístico infantil.

Importante ressaltar que a abordagem do período aquisicional da língua materna envolve uma série de aspectos condizentes com o nível linguístico, social e interacional do indivíduo com o meio.

Esta pesquisa de cunho bibliográfico buscou elencar os principais estudos acerca da linguagem humana, teorias, variação linguística e aquisição da variação de forma a esclarecer alguns fatores responsáveis/favorecedores da aquisição das regras variáveis encontradas na fala infantil. A criança adentra o campo linguístico e dele participa ativamente; do ponto de vista sociolinguístico, esse aspecto centra-se como um fator primordial no desenvolvimento linguístico da criança.

A sociolinguística variacionista se acerca da variação presente na língua falada. Partindo desse pressuposto, a aquisição da variação representa um marco no que diz respeito aos estudos mais atuais que englobam a linguagem humana. Cada vez mais a participação do indivíduo na sociedade torna-se potencializada pelo nível linguístico e interacional que se realiza nas diferentes esferas da sociedade. Desse modo, verificar a ocorrência dos fenômenos variáveis na fala pode elucidar o que de fato ocorre na linguagem humana.

A presença de variáveis na linguagem representa o plurilinguismo na sociedade e, dessa forma, a compilação de pesquisas que avaliem como ocorre a propagação em uma comunidade de fala potencializa a ação do indivíduo sobre a sociedade e seu contexto linguístico.

A variação linguística amplamente estudada e difundida tanto no âmbito dos estudos linguísticos como das relações sociais defende que existe a variação e a mudança, que as línguas evoluem, assim como o indivíduo evolui e está em constante progresso em seu

contexto social. Esse argumento parece refletir que a heterogeneidade linguística aparece em concomitância com a heterogeneidade social; assim como a linguagem é heterogênea, a sociedade está dividida em classes sociais, gêneros, estilos diferentes e, a partir disso, parece impossível dissociar a língua do contexto social do falante, mesmo em fase de aquisição de sua língua.

O *input* linguístico desenvolve um papel importante acerca do desenvolvimento da linguagem de acordo com os estudos elencados na pesquisa, sendo assim, sua importância reside no fato de que o mesmo apresenta uma função facilitadora e ampliadora dos processos interativos que permeiam as relações sociais. Sob esse enfoque, o *input* recebido pela criança no decorrer de seu desenvolvimento linguístico proporciona sua inserção no contexto linguístico e social, o que resulta em uma participação ativa no meio que está inserida.

Esta pesquisa mencionou alguns dos fatores que auxiliam na compreensão da linguagem em várias de suas especificidades. Cabe ressaltar que o estudo da aquisição da variação abre margem para novas pesquisas, ou seja, como a maioria dos estudos ou quase em sua totalidade são feitos fora do Brasil, verificar os processos de aquisição de fenômenos variáveis na língua portuguesa amplia o reconhecimento da heterogeneidade linguística do país e afirmam sua identidade marcada pela diversidade.

Estudos adicionais acerca do tema aquisição da variação são de extrema importância para as pesquisas que envolvem a linguagem e sua propagação.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, P.V. Direcionalidade do artigo definido frente a N próprio em contexto de *input* variável. Rio de Janeiro, **Tese Doutorado em Linguística** – UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. 166 fls.
- ALMEIDA, R.L.de. Aquisição das primeiras palavras: um estudo sobre os aspectos linguísticos em interação com ações intelectuais. Salvador. **Dissertação de mestrado**- programa de pós graduação em Letras e linguística- UFB, 2007, 131 fls.
- ALVES, M.M. **Variação linguística e teoria da Otimidade**. 2004
- ALVES, A.P.M. Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência presença de artigo definido diante de antropônimos na fala de jovens da Barra longa/MG que residem em Belo Horizonte. Belo Horizonte. **Dissertação de mestrado**- programa de pós graduação em Estudos Linguísticos-UFGM- 2008, 155fls.
- AQUINO, F.de S.; SALOMÃO, N.R. Estilos diretivos maternos apresentados a meninos e meninas. **Estudos de Psicologia**, 10(2), p.223-230, 2005.
- BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BATTISTI, E.; FILHO, A.A.D. Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha (RS): variação linguística e práticas sociais. **Alfa, rev. linguíst.** (São José Rio Preto) vol.56 n.3 São Paulo, 2012.
- BELINE, R., A variação linguística. In: FIORIN, J.L.(org.), **Introdução a linguística. I. objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: contexto, 2012.
- BRAZ, F. de S.; SALOMÃO, N.M.R. A fala dirigida a meninos e meninas: um estudo sobre o *input* materno e suas variações. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n.2, p. 333-344, 2002, v.15.
- CHATER, N.; REALI, F.; CHRISTIANSEN, M.H. Restrictions on biological adaptation in language evolution. **Proc Natl Acad Sci U S A**. January 27; 106(4): 1015–1020, 2009.
- CEZARIO, M.M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M.E. (org.) **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2011.

CEZARIO, M.M.; MARTELOTTA, M.E. Aquisição da linguagem. In: MARTELOTTA, M.E. (org.). **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2011.

COAN, M., FREITAG, R.M.K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Linguagem**. Revista eletrônica de linguística. Volume 4, - n° 2 – 2° Semestre 2010.

DEL RÉ, A. (org.). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DIAS, F. O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem. **Rev. Letrônica**. v. 3, n. 2, p. 107-119, dez./2010.

DUARTE, M.da C.A.de.; PAIVA, M.E.L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W. e HERZOG, M.I. **Fundamentos linguísticos para uma mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

DUARTE, M.E; PAIVA, M.da.C. A. A variação linguística e papel dos fatores linguísticos. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 91-120, 2011.

FINGER, I. A aquisição da linguagem na perspectiva behaviorista. In: QUADROS, R.M.de, FINGER, I. **Teorias de aquisição da linguagem**. Versão on line, 2007.

FITCH, W.T. Unity and diversity in human language. **Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci**. February 12; 366(1563): 376–388, 2011.

FOULKES, P., DOCHERTY, G. The social life of phonetics and phonology. **Journal of Phonetics** 34, 409–438, 2006.

FRANÇA, M.P. et al. Aquisição da linguagem oral. Relação e risco para a linguagem escrita. **Arq Neuropsiquiatria**, 62(2-B):469-472, 2004.

GOMES, C.A. Aquisição linguística em contexto de input variável: a emergência das variantes de dativo. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.175-190, jan./jun. 2004

GOMES, C.A. Aquisição do tipo silábico CV (r) no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.9, n.18, p.77-90, 1° sem. 2006.

GOMES, C.A.; SOUZA, C.N.R. de. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**, 4 ed. São Paulo: contexto, 2012.

GUY, G., BOYD, S. **The development of a morphological class**. Language Variation and Change, 2, p.1-18, Cambridge University Press, 1990.

GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões linguísticos, **Organon**, 14(28-9): 17-32, 2000.



HAUGEN, E. Dialeto, língua e nação. In: BAGNO, M. **Norma linguística**. Edições Loyola, São Paulo, 2001.

HORA, D. da; WETZELS, L. A variação linguística e as restrições estilísticas. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 147-188, 2011.

HUBNER, E.P.; ARDENGHI, L.G. *Input* materno e aquisição da linguagem: análise das díades comunicativas entre mães e filhos. **Boletim de Psicologia**, Passo Fundo, v. LX, n.132, p. 29-43, 2010.

INGRAM, D. **First Language Acquisition**: method, description and explanation. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ILARI, R; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KARMILOFF-SMITH, A. Language development after five. In P. Fletcher & M. Garman (Eds.) **Studies in Language Acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 306-323, 1979.

KARMILOFF-SMITH, A. The tortuous route from genes to behavior: A neuroconstructivist approach. **Cognitive, Affective, and Behavioral Neuroscience**, 6 (1), 9-17. 2006.

KUHL, P. K. Brain Mechanisms in Early Language Acquisition. **Neuron**. September 9; 67(5): 713-727, 2010.

LAMPRECHT, R. R. Aquisição da linguagem pela criança depois dos cinco anos de idade. In: TASCA M., (Org.). **Desenvolvendo a língua falada e escrita**. Porto Alegre: Sagra, 1990.

LORANDI, A.; CRUZ, A.C.; SCHERER, A.P.R. Aquisição da linguagem. **Verba Volant**, v. 2, nº 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.

LORANDI, A. Aquisição da variação: a interface entre aquisição da linguagem e variação linguística. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online). 2013. In press.

MARESCHAL, D., JOHNSON, M., SIRIOS, S., SPRATLING, M., THOMAS, M. S. C., WESTERMANN, G. **Neuroconstructivism: How the brain constructs cognition**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MARGOTII, F.W. Abordagem empiricista em trabalhos de variação sociolingüística **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 149-166, jul./dez. 2003.

MEDEIROS, C. S. de; SALOMÃO, N.M.R. Interação mãe-bebê com deficiência visual: estilos comunicativos e episódios interativos. **Estud. psicol.** (Campinas) vol.29 supl.1 Campinas Out./Dez. 2012

MOLLICA, M.C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**, 4 ed. São Paulo: contexto, 2012.

MORATO, E.M, KOCH,I .V. Linguagem e cognição: os (des) encontros entre a linguística e as ciências cognitivas. **Cad.Est.Ling.**, Campinas, (44):85-92, Jan./Jun. 2003.

MORATO,E.M. O interacionismo no campo linguístico.In: MUSSALIN,F.; BENTES, A.C. **Introdução a linguística: fundamentos epistemológicos**,v 3 .2 ed. São Paulo: Cortez,2006.

NARDY, A.; CHEVROT,J.-P. eBARBU,The acquisition of sociolinguistic variation: looking back and thinking ahead. **Hal**, version1,Laboratoire de Linguistique et Didactiques des Langues Étrangères et Maternelles, Université de Grenoble e Institut Universitaire de France. 2012.

NARO, A.J. O dinamismo das línguas.In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**, 4 ed. São Paulo: contexto,2012.

OUSHIRO, L. Uma análise variacionista para as interrogativas-Q. São Paulo, **Dissertação de mestrado**- programa de pós graduação em Semiótica e Linguística Geral- USP, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, 2011, 174fls.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança. **ReVEL**, v. 3, n. 5, 2005.

PESSÔA, L.F.; SEIDL de MOURA, M.L.; OLIVA,A.D., A análise da fala materna dirigida a bebês em duas etapas do desenvolvimento. **Psicologia em Pesquisa**,UFJF,2(02),74-86, julho-dezembro, 2008.

PESSÔA, L.F.;SEIDL de MOURA, M.L. Fala Materna Dirigida à Criança em Cenários Comunicativos Específicos: Um Estudo Longitudinal. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Out-Dez, Vol. 27 n. 4, pp. 439-447, 2011.

PETTER, M. Linguagem, língua e linguística. In: FIORIN, J.L.(org.), **Introdução a linguística. I. objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: contexto,2012.

QUADROS, R.M.de; FINGER,I. **Teorias de aquisição da linguagem**. Versão online, 2007.

QUADROS, R.M. de. O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R.M. de, FINGER ,I. **Teorias de aquisição da linguagem**. Versão online, 2007.

RAMOS, D.D. Interação adulto-criança em creches públicas. João Pessoa, **Dissertação de mestrado**-programa de pós graduação em Psicologia Social, UFPB,2010, 154fls.

ROBERTS, J., LABOV, W. Learnin to talk Philadelphian: acquisition of short a by preschool children. **Language variation and change**, 7, p.101-112, 1995.

ROBERTS, J. Acquisition of variable rules: a study of (t, d) deletion in preschool children. **J. ChildLanguage**, 24, p. 351-372. United Kingdom. Cambridge University Press, 1997.

SANTANA, A.P. Idade crítica para aquisição da linguagem. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 16(3): 343-354, dezembro, 2004.

SANTOS, R. Aquisição da linguagem. In: FIORIN, J. L. **Introdução à linguística I: Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

- SCARPA, E.M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). **Introdução à lingüística** domínios e fronteiras. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009, vol.2.
- SCHERRE, M.M.P., YACOVENCO, L.C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero falante em foco. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146, 2011.
- SEVERO, C.G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana. **Revista Voz das Letras**. Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 9, I Semestre de 2008.
- SILVA, G.M.O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M.L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SMITH, J.; FORTUNE, L.; DURHAM, M. “Mam, my trousers is fa’ in doon!”: community, caregiver, and child in the acquisition of variation in a Scottish dialect. **Language Variation and Change**, 19. Cambridge University Press, 2007.
- SMITH, J., DURHAM, M., FORTUNE, L. Universal and dialect-specific pathways of acquisition: Caregivers, children, and t/d deletion. **Language Variation and Change**, 21, p.69–95. Cambridge University Press, 2009.
- SMITH, K.; KIRBY, S. Cultural evolution: implications for understanding the human language faculty and its evolution. **Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci**. November 12; 363(1509): 3591–3603, 2008.
- SNOW, C. E. Questões no estudo do *input*: sintonia, universalidade, diferenças individuais e evolutivas, e causas necessárias. In: FLETCHER, P.; MacWHINNEY, B. **Compêndio da Linguagem da Criança**. Trad. Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SOUZA, C.B.A.de., Uma proposta de análise funcional da aquisição da linguagem: resultados iniciais. **Interação em Psicologia**, 7(1), p. 83-91, 2003.
- SOUZA, C.B.A de.; AFFONSO, L.dos R. Pré-requisitos da linguagem: Padrões comportamentais na interação criança-acompanhante. **Interação em Psicologia**, 11(1), p. 43-54, 2007.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.
- TAVARES, M.A. Então inferidor como marca de constituição de subjetividade de sentidos na entrevista sociolinguística. **Rev.Delta**, 20:1, p.77-95, 2004.
- VÉRAS, R.M.; SALOMÃO, N.M.R. Interações entre díades mãe-criança que apresentam a linguagem expressiva típica e díades mãe-criança que apresentam a linguagem expressiva atrasada. **Interação em Psicologia**, jan./jun., (9)1, p. 165-176, 2005.
- YANG, C.D. Internal and external forces in language change. **Language Variation and Change**, 12, p. 231–250, Cambridge University Press, 2000.

WEINREICH, U.; LABOV, W. e HERZOG, M.I. **Fundamentos linguísticos para uma mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.